

GALLERIE SERIES

BY

Felipe Morozini

BILLABONG
RECYCLER SERIES *Água* **SCHIN**



BE THE CHANGE

A Billabong está sempre contribuindo para um mundo mais sociável e ecologicamente correto.

Reconhecemos nosso papel e mais uma vez, em parceria com a **ÁguaSchin**, criamos projetos e produtos, como a coleção de camisetas **Gallerie Series**, que contribuem para uma sociedade mais responsável.

Feitas a partir de fibras recicladas de garrafa PET, as camisetas apresentam cinco estampas assinadas pelo premiado fotógrafo **Felipe Morozini**, e retratam uma visão poética e colorida da cidade de São Paulo.

Acreditamos que atitudes e parcerias como essas é que fazem a diferença para todo o mundo.





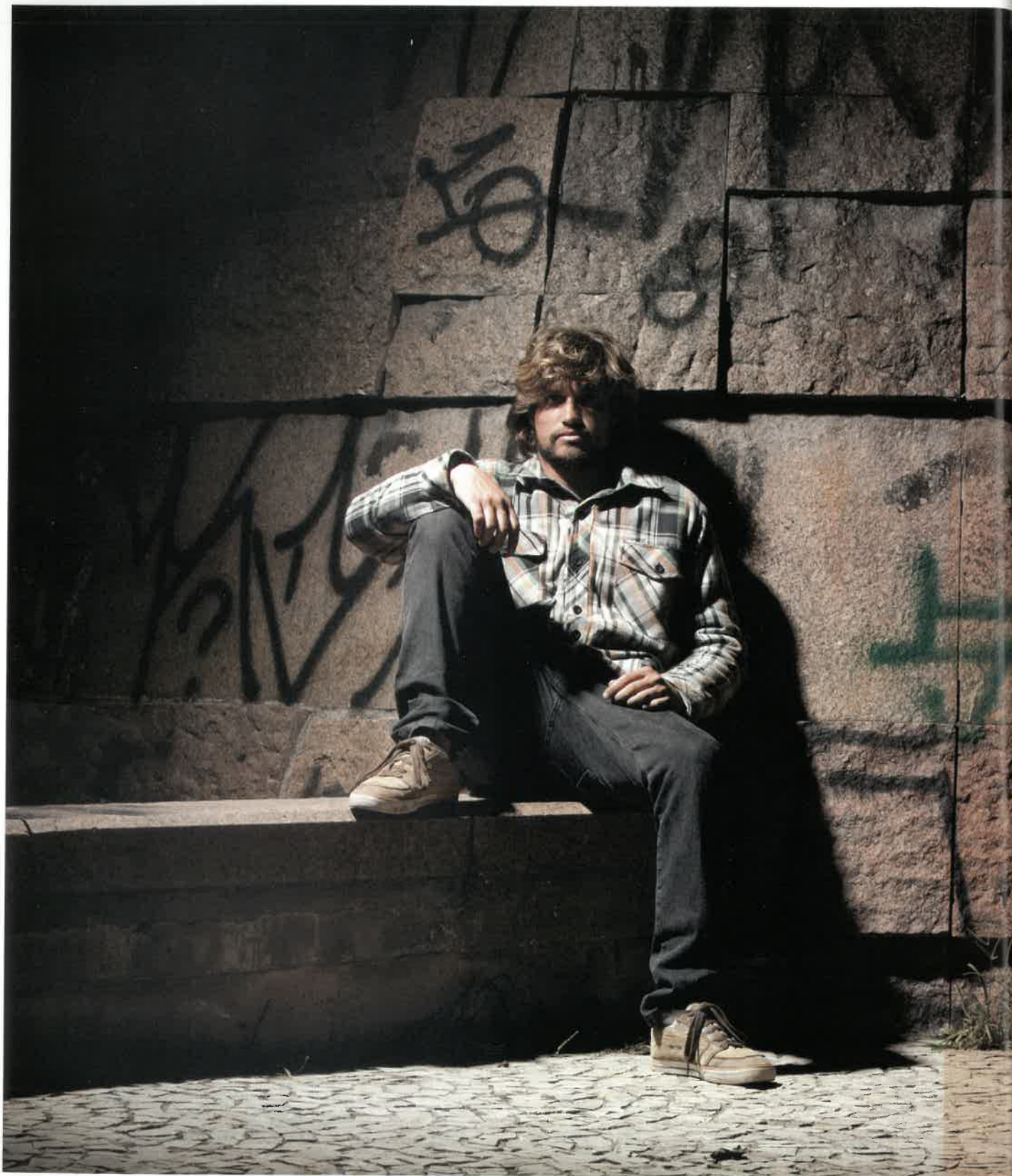
RVCA

ALEX KNOST

VA

DANIEL JONES
DANNY FULLER
DINO ADRIAN
FORD ARCHBOLD
KALANI DAVID
MAKUA ROTHMAN
MATT ARCHBOLD

THE BALANCE OF OPPOSITES
FACEBOOK.COM/RVCABRASIL
TWITTER.COM/RVCABR
RVCA.COM



Atletas: Emerson Piai
[facebook.com/southtosouth](https://www.facebook.com/southtosouth)



Foto: Aleko

SOUTH
to **SOUTH**

phantom

BOARDSHORTS

TRUE PERFORMANCE

Um por todos.

TODOS

pela praia

MAIS

REDONDA

UM POR
TODOS.
TODOS
POR UM.

Praia
SKOL

PATROCINADORA
OFICIAL DO PROJETO

SURF E
PRAIA
PARA TODOS



SE FOR DIRIGIR, NÃO BEBA.

EDITORIAL

por
Romeu
Andreatta

Surf é vida na praia

Começamos 2011 com muita energia, alegria e muito trabalho. Desde 02 de janeiro até agora, já fizemos mais de uma dúzia de eventos, exatamente 14! O verão pra nós está muito quente...

Recebemos nossos ídolos Donavon Frankenreiter, Tom Curren e Ben Harper, para celebrar nossos 10 anos e também a vida de praia. Esta trip criou mais um conceito alucinante que vamos orbitar cada vez mais que é o "Surf All Day, Music All Night." Para quem tem surf na veia, deve ser fácil imaginar correr o Brasil com estes caras, um monte de pranchas, guitarras e amigos. Tem jeito melhor para celebrar os 10 anos de Alma Surf...?

Atendemos mais de 100 mil pessoas na praia com o evento "Surf e Praia Para Todos", que com o apoio da Secretaria de Esportes, Lazer e Juventude do Estado de São Paulo, e patrocinado pela Skol e com apoio da Hawaiian Dreams, construímos a primeira de muitas

pontes para exportar simpatizantes para praticantes. Para isso, levamos 150 pranchas para praia com 20 monitores. E mais, cinema e arte, para além de ensinar a surfar, também ensinar como é nossa maneira de viver.

Sem dúvida, o projeto Surf e Praia Para Todos abasteceu minha alma surf sobremaneira, pois andamos por todos os municípios e pelas praias mais populares e densas do Estado de São Paulo.

Promovemos inclusão esportiva, social, cultural e, ainda doamos todos os equipamentos para secretarias municipais e associações locais, formando assim um ciclo holístico para o maior evento de praia já realizado para não surfistas da minha história, do estado e do nosso país.

Como sempre, nossa edição de abertura de ano celebra o Hawaii e sua vida de sonho. Desta vez Jim Russi nos ajudou muito com sua visão nova, moderna e sem compromissos em ver e expressar o surf e o Hawaii por um prisma, mais diverso, mais feminino e mais comportamental, sem perder a capacidade de encantar e chocar com as imagens de um season sem igual, e por muitos já intitulado como o melhor da década. Sean Davey nos dá uma aula de estética, foco e bom gosto, e arrebenta com suas imagens, com a mesma disposição de sempre, para tudo, que fotografou junto de Bruno Lemos – a capa – as nuances que teremos com esta inédita matéria

Tenho realizado vários sonhos e quebrado impensáveis dogmas. Como sonho ver, tocar e compartilhar com milhares de pessoas a vida na praia e no mar... surfando. É um sonho que se transformou na minha profissão e que, agora, na maturidade, vejo como minha missão, de compartilhar com todos os sentimentos, os esportes e a vida no surf e na praia.

que definitivamente muda a imagem e ainda mais a realidade do inverno havaiano.

Nosso big rider e big brother Haroldo Ambrósio choca a todos com seu drop insano de Stand Up Surfing em Phantons. E claro, ele é a capa da Alma Surf, que abre o ano com o tema "Surf é vida na praia". Haroldo, além de ser nosso garoto propaganda do tema, volta ao foco do mundo do big surf com performances incríveis de SUP.

Vale ressaltar que esta temporada tem tido vários novos flashes, com caras surfando Jaws à noite, meninas dropando ondas que marmanjos amarelam. Com caras dropando de ski de neve montanhas de água... Ou seja, novas coisas, novos heróis e novas maneiras de nos divertir, emocionar. Tenho realizado vários sonhos e quebrado impensáveis dogmas. Como sonho ver, tocar e compartilhar com milhares de pessoas a vida na praia e no mar... Surfando. É um sonho que se transformou na minha profissão e que, agora, na maturidade, vejo como minha missão, de compartilhar com todos os sentimentos, os esportes e a vida no surf e na praia. Tenho vivido e visto dogmas serem derretidos como gelo ao sol.

A massificação e a popularidade da vida na praia tem mostrado que este é o caminho inevitável de nós surfistas e sobreviventes da praia, de receber, ensinar, informar e harmonizar com o novo público que tem conhecido e se encantado com a praia a cada verão.

Neste verão, dados oficiais dão conta que 10 milhões de brasileiros descobriram a praia e o mar pela primeira vez nos últimos três anos...

É muita gente! Não seja egoísta e entenda o crowd como: "O que queres para ti, deve querer para todos, o que não queres para ti, não queira para ninguém". Encima dessa ética, tenho aceitado cada vez mais o crowd e ao mesmo tempo cobrado cada vez mais educação, respeito e harmonia. Surf é vida na praia! Assim vamos caminhar neste ano, celebrando nossos

valores, artes, esportes, hábitos, moda, design e, claro, drogas do corpo: adrenalina, endorfina, dopamina, testosterona e por aí vai...

Não seja restrito, descubra mais e mais do que o surf tem para te dar... Drop esta vida sem medo, ela cai na praia...

Aloha
Romeu

NIXON

In a desert of despair, an oasis of innovation.
The Rubber Player.





- 14 **SPORT SURF** 11 chances para virar a mesa / **Reinaldo Andraus**
- 18 **ENTREVISTA** Destino Azul: Guerreiro e Jardim / **Adriano Vasconcellos**
- 26 **MAVERICKS** Homem x Natureza: a questão dos jet-skis / **Alexandra Iarussi**
- 32 **HAWAII** Um inverno difícil de esquecer... / **Rosaldo Cavalcanti**
- 44 **NORTH SHORE** Diversidade: Um universo paralelo / **Jim Russi**
- 56 **PIPE HOUSE** Casa de praia: Pipeline, Oahu, Hawaii / **Sean Davey**
- 62 **10 ANOS DE ALMASURF** Surf All Day, Music All Night / **Felipe Baracchini**
- 76 **SKOL VIDA NA PRAIA** Experiências de verão / **Redação Alma Surf**
- 86 **SURF E PRAIA PARA TODOS** Vida na Praia / **Adriano Vasconcellos**
- 94 **JILL HANSEN** Candy Crazy Beautiful / **Rhea Cortado**
- 102 **EXPEDIÇÃO MATO GROSSO** Rodrigo Resende de SUP / **Rudnei Souza**
- 108 **DNA** O Surf é realmente um esporte especial / **Rico de Souza**
- 116 **SURF ETERNO** A vibe do surf: Viajar é o destino / **Taiu Bueno**

almasurf

nº61 fev/mar 2011

Improve Produção e Curadoria Editorial SA
 Maria Dias Carvalho
 GEO Eventos SA

Publisher: Romeu Andreatta Filho
Editor Chefe: Adriano Vasconcellos vasconcellos@almasurf.com.br
Editor convidado USA: Ben Marcus
Direção de Arte: Marcelo Banlaky
Redação: Alexandra Iarussi e Mariano Kornitz
Revisão: Francisco José M. Couto
Tradução: Alexandra Iarussi

Gerente de Eventos: Felipe Baracchini felipe@almasurf.com.br
Eventos: Patrícia Mekitarian
Assistente de Produção: Vicente Menta

Colaboradores

Textos

Jim Russi	Rosaldo Cavalcanti
Reinaldo Andraus	Rudnei Souza
Rhea Cortado	Sean Davey
Rico de Souza	Taiu Bueno

Fotografias:

Andrew Christie	Jim Russi
Bruno Lemos	Myles McGuinness
Caio Palazzo	Rudnei Souza
Diana Bueno	Schotz
Don Montgomery	Sean Davey
James Thisted	Tracy Kraft
Juliano Monetti	

Diretor Comercial: Flávio Fernandes flavio.fernandes@almasurf.com.br

Comercial: Floriano Sales florianosales@almasurf.com.br

Atendimento: Iris Almeida

Tráfego: João Carlos Ferreira de Araújo

Serviço: Dóricas Rodrigues Chavler

Gerente Financeiro: Ane Oliveira ane@almasurf.com.br

Distribuição: Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações

Impressão: IBEP Gráfica

Jornalista Responsável:

Adriano Vasconcellos av@almasurf.com.br

A revista Alma Surf é uma publicação bimestral da Improve Produção e Curadoria Editorial Ltda. As matérias publicadas não refletem necessariamente a opinião da revista e sim a de seus autores.

Alma Cultural: almasurf@almasurf.com.br

Correspondência: Rua Dr. Fonseca Brasil, 295

Morumbi - São Paulo - SP - 05716-060

Fone: 55 (11) 3744-3711 almasurf@almasurf.com.br

Para assinar: (11) 3744-3711 assinatura@almasurf.com.br

Tiragem desta edição: 25.000 exemplares

Capa: "Hawaiian Dreams: Haroldo Ambrósio, SUP em Phantoms (Hawaii), dia 5 de fevereiro de 2011"
 Foto: Bruno Lemos

www.almasurf.com



SURF SPORT

por **Reinaldo "Dragão" Andraus**

11 CHANCES PARA VIRAR A MESA

Será que Kelly sairá em busca do número 11?



Esta geração (a nossa) de surfistas teve a sorte de testemunhar o maior fenômeno esportivo de todos os tempos. Deliciar-se com a forma única que Slater adotava para dominar os adversários, colecionar títulos. Desfilar sua plasticidade, fazer sua magia. Mago! Das ondas dos mares.

ATÉ PARECEU SIMPLES

Duas décadas inteiras. Os anos 90. Os anos 00. Buscar mais? Perseguir o 11! Para quê? Por quê? Porque uma voz interior o impele para essas vitórias. Pois suas conquistas o rejuvenescem. Nos anos 90 ficou monótono. Deu pista, três anos de pista, para Ocy, para Sunny e CJ... Disse chega ao recesso, aí a coisa começou a ficar interessante. O "comeback" foi em 2002. Entra Andy no jogo. O maior desafio. Após um ano de aquecimento das turbinas Kelly entrou com tudo, para proporcionar a temporada mais espetacular da história da ASP (espera aí... houve outras), mas aquele desfecho em Pipeline, na última bateria do último evento. Tudo ou nada! Foi muito.

O sétimo e o oitavo títulos vieram apenas em 2005 e 2006. Mick Fanning ficou com os títulos de 07 e 09, mas nunca bateu de frente com Kelly. Nunca como na corrida espetacular, emocionante de 2005. Um toma lá dá cá de vitórias estonteantes de KS e AI, nunca houve nada igual. Pranto em Imbituba. Que temporada! Acho que, pensando bem, essa foi ainda melhor. Por que buscar o 11 em 2011? Qual é o desafio? Na segunda parte desta história. Os anos 00 serão lembrados eternamente como a década em que o maior de todos encontrou um rival. Lembro da capa de uma Surfer no final dos anos 80, com a chamada: SHOWDOWN – eram seis quadrantes na capa, seis rostos, dos postulantes: Tom Curren; Tom Carroll; Barton Lynch; Damien Hardmann; Martin Potter e Gary Elkerton (o único deles que nunca foi campeão mundial); finalmente apenas em eventos master. E diz a lenda que agora é para valer, os legends irão se encontrar em La Libertad, em El Salvador. Mas voltando à tese, nos anos 80 e até mais... Na década de 70 (Rabbit, PT, MR, Kealoha, Shaun, Cheyne...) havia uma disputa acirrada entre vários candidatos. Creio que estamos

Na década de 70 (Rabbit, PT, MR, Kealoha, Shaun, Cheyne...) havia uma disputa acirrada. Creio que estamos prestes a ver isso ocorrer de novo nos anos 10. A questão, para esta temporada, é o procedimento de Kelly Slater. Pareceu que ele voltou a não ter rivais à altura. Por que não seguir em frente... Vencendo? Ou parar, por cima, sem dar margem. Essa decisão cabe apenas ao nosso grande ídolo. A fila vai andar.

prestes a ver isso ocorrer de novo nos anos 10. A questão, para esta temporada, é o procedimento de Kelly. Em 2010 parece que todos abriram o caminho para ver o deca do monstro. Por outro lado, também pareceu que ele voltou a não ter rivais à altura. Por que não seguir em frente... Vencendo? Ou parar, por cima, sem dar margem. Essa decisão cabe apenas ao nosso grande ídolo. A fila vai andar.

O brasileiro Peterson Crisanto (18 anos) acaba de ganhar 25 mil dólares no evento Hurley Pro Junior, na Austrália. Com a mesma idade, John John Florence venceu a primeira etapa 5 estrelas do WQS 2011, o Volcom Pipeline Pro e levou 16 mil. Na outra página: Jeremy Flores, um pouco mais experiente, aos 22, conquistou seu primeiro WT da carreira, também em Pipeline. Esses são alguns dos garotos que, com a cabeça no lugar, se apoiarão no legado de Slater para ascender ao estrelato nos anos 10.

AGORA SERÁ OUTRA HISTÓRIA

Alto! Quem vem lá?

É muita gente boa. Não creio que a saída de cena de Slater vá deixar o surf competitivo monótono como em tempos idos. Agora a pegada é diferente. Estamos falando de "outro" surf! Mais alto, solto, rodopiante! No final dos anos 10, um, dois, ou seis ou mais nomes estarão dominando a cena do esporte surf. Impossível saber. Instigante prever. Para um jornalista inveterado será interessante especular nomes, agora no início de 2011, e depois ver no que deu, em 2019.

Esta temporada da ASP (de 32 tops) abre com apenas duas novidades: Julian Wilson, o queridinho da mídia internacional; Alejo Muniz, o azarão que abriu uma brecha na raça. Sobre os brasileiros, vários muito, muito promissores, falaremos mais adiante. Mas vamos aos nomes que já podem gerar uma ponta de desafio em Kelly. Now! Jordy esboçou uma frente nesta temporada de 2010, mas na reta final afinou. Ele vem. Dane Reynolds é o melhor surfista do tour (na opinião de Slater) na atualidade. Posso até concordar. O surf do cara é daqueles que faz: "Espera aí, deixa eu ver essa bateria." Owen Wright, esse sim ainda está meio entalado na garganta de Kelly. Dos figurões estabelecidos: Taj, Parko, Bede e Mick (os que eventualmente podem sagrar-se campeões da ASP), não acredito que nenhum assuste KS, embora todos já tenham desclassificado o master em ocasiões esporádicas. Mick Fanning é o caso mais curioso, por já ter levado dois títulos, aliás foi o único que quebrou a hegemonia de Slater, na segunda metade da década passada.



Porém, Mick nunca se meteu numa disputa de enfrentamento com o megacampeão. Aposto num novo nome para esta temporada, de 11, que abre oficialmente esta década de transformação. Particularmente acho um pecado Parko, já beirando os 30, passar em brancas nuvens, sem um título da ASP. Com sobra o surf mais plástico da tropa de elite. Quem será o campeão de 2011? Qualquer um desses nomes e podemos jogar os brasileiros no mix. Nossa vitória está ali na esquina e, pelo cenário, deve sair nesta década. Adriano de Souza amadureceu e sabe que é o momento de partir com tudo. A atitude contra Slater, hoje, já é outra. Mineiro já passou de promessa a postulante. Está mantendo a consistência do grupo da frente. Que venha o ano mágico. Foco e capacidade de trazer "inovação" ao seu repertório serão os pontos-chave. Hoje Adriano está num patamar de notoriedade próximo ao de Picuruta, Fabinho e Burle, os maiores do Brasil, com uma janela de décadas... Jadson entra no rol dos que já derrotaram Slater. Já venceram um CT. Chega a ser espetacular como Dane. Se consolidar todos os fundamentos, de back e de front... Segurem! Só para registro, Jadson poderia estar disputando o Pro Junior na temporada que findou agora em Narrabeen, onde já foi bi-vice. Uma enxurrada de brasileiros "novos" vem galopando. Gabriel Medina é o que tem maior notoriedade internacional. Caio Ibelli, Peterson

É muita gente boa. Não creio que a saída de cena de Slater vá deixar o surf competitivo monótono como em tempos idos. Agora a pegada é diferente. Estamos falando de "outro" surf! Mais alto, solto, rodopiante! No final dos anos 10, um, dois, ou seis ou mais nomes estarão dominando a cena do esporte surf. Impossível saber. Instigante prever. Para um jornalista inveterado será interessante especular nomes, agora no início de 2011, e depois ver no que deu, em 2019.

Crisanto, Miguel Pupo, entre um punhado de outros, vêm com tudo. Com certeza, uma geração mais preparada do que qualquer outra anterior. No mundo globalizado do surf contemporâneo, talentos pipocam de todos os quadrantes. Finalmente a Austrália voltou a ter um campeão mundial pro junior, Jack Freestone (ele não é o melhor dos jovens aussies). Mas cheque os quatro do topo do ranking: Austrália, EUA, África, Brasil – cheque os 12, entra Hawaii, França, Caribe. Globalizou. Morou? Assim será. Surprise, surprise...

20 11
BILLABONG RIO PRO
"RIO DE JANEIRO-BRASIL"
FAST
FEDERAÇÃO DE SURFISMO DO BRASIL

BARRA • IAPORADOR
RIO DE JANEIRO

US\$ 500.000,00 PRÊMIO

11-22
MAIO
11th-22th MAY

Os maiores surfistas do mundo de volta ao Rio
na única etapa do mundial na América Latina.

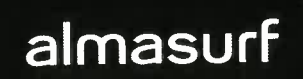


KELLY SLATER | JORDY SMITH | TAJ BURROW | MICK FANNING | BEDE DURBIDGE | DANE REYNOLDS
ADRIAN BUCHAN | OWEN WRIGHT | JEREMY FLORES | ADRIANO DE SOUZA | CJ HOBGOOD | MICHEL BOUREZ
CHRIS DAVIDSON | JADSON ANDRE | DAMIEN HOBGOOD | KIEREN PERROW | BRETT SIMPSON | JOEL PARKINSON
TAYLOR KNOX | HEITOR ALVES | MATT WILKINSON | BOBBY MARTINEZ | FREDRICK PATACCHIA | HAI OTTON
PATRICK GUDRUSHAS | TIAGO PIRES | ADAM MELLING | IDAN ROSS | AARON MONTEIRO | JOSH HERR
ALEJO MUNIZ | DUSTY PAYNE | JULIAN WILSON | GABE KLING

divulgação:

apoio:

realização:



EXPEDIÇÃO VOLTA AO MUNDO

DESTINO AZUL

DIOGO GUERREIRO E FLÁVIO JARDIM

Depois de dois anos e meio em alto-mar, os surfistas de alma Diogo Guerreiro e Flávio Jardim retornam a Garopaba e são recebidos como heróis nacionais no Café Mormaii Beach Club

por Adriano Vasconcellos*
fotos James Thisted



Navegando em alto-mar, surfando as melhores ondas do planeta, conhecendo distintas culturas e povos, enfrentando piratas na Somália, recebendo os amigos para 'windsurf trips', idealizando o mundo azul... Após dois anos e meio capitaneando o barco Itusca ao redor do mundo, Flávio Jardim e Diogo Guerreiro retornaram em grande estilo a Garopaba, cidade que foi o ponto de partida de toda essa aventura: Expedição Volta ao Mundo Destino Azul. Uma recepção emocionada recebeu os heróis brasileiros na cidade que afaga a patrocinadora dessa grande aventura, a Mormaii, que espelha seu criador em suas ações, o mestre Morongo, que, diga-se, está no Hawaii, encarando os mais potentes swells da temporada. Emocionados e eufóricos, Flávio e Diogo explodiram de emoção junto dos fogos de artifício e sinalizadores marítimos que foram estourados à beira-mar para recebê-los com luz. Sorrisos, abraços, emoção, beijos, amor. Risadas incontidas e choros contidos. A 'família' também chorou. As crianças abraçaram os surfistas. A referência de homens foi eternizada na praia de Garopaba, envelopada pelos surfistas de alma. Gerson Pillão, o líder do marketing da Mormaii — que está presente em mais de 85 países, com mais de 30 anos de experiência na produção de artigos de moda e equipamentos para esportes de ação —, fez as honrarias e a contagem regressiva. O barco, terceiro elemento do Destino Azul, um ser tão vivo quanto nossos surfistas, chegou bem perto das areias dessa praia mística. Em um bote e mais 2 minutos, voltaram ao seio da família. "Welcome back, guys!", o último mergulho da dupla no mar... "Isso representa o mundo Mormaii, um modo de levar as pessoas pra dentro do mar, para o oceano." Caminhar no raso do mar... a areia... a praia... o último desembarque aconteceu. "Marilyn, te amo!", disse baixinho, com os olhos marejados, o guerreiro Diogo para a esposa, que não se continha de tanta emoção.

"Chegamos! O sonho voltou!", bradou entre sorrisos Flávio Jardim. "Foi uma viagem alucinante, onde eu pude flutuar como uma espécie de terceira pessoa. Vi de cima dois personagens que desafiam os oceanos em busca de um sonho, viver o Destino Azul", disse o feliz Diogo Guerreiro, a quem eu acabara de conhecer e mais parecia um amigo de muitos anos. Aliás, ele é que escreveu algumas das 'memórias' do Destino Azul. "O barco virou um objeto muito mais vivo do que nós mesmos, ao mesmo tempo que um objeto... As leituras e as influências dessa viagem formaram as minhas palavras, as alucinações que escrevi moldaram a minha alma surf". O veleiro Itusca, de 45 pés, rodou o mundo e deixou a costa sul-africana há pouco mais de 15 dias... até a publicação desta entrevista. "Não caiu a ficha... não consegui sentir até agora, já em terra firme, que acabou. Voltamos pra casa pensando em não terminar essa aventura. O balanço do mar está em meu ser... O Destino Azul estará comigo pra sempre. Qual será a próxima? Só Deus sabe", disse, entre apertos de mãos e comemorações, o hedonista Flávio Jardim. Os bons ventos de leste e nordeste trouxeram de volta pra casa os brasileiros destemidos que enfrentaram tempestades e tsunamis, piratas, tubarões e calmarias, as saudades e o desejo de sumir no mundo, pela Indonésia, ilhas Galápagos, Papua-Nova Guiné, Tahiti, Micronésia e muitas outras ondas. Essa dupla, a mesma que está no Guinness Book, o livro dos records, por ter percorrido a mais longa jornada de windsurfe já existiu. Por eles, a costa brasileira foi surfada do Chui ao Olapoque. Acompanhe a entrevista exclusiva, que fizemos na chegada do Itusca a Garopaba, no calor das emoções dos sentimentos da dupla Diogo Guerreiro e Flávio Jardim, e de todos os que ali estavam, na praia de Garopaba, para receber os heróis nacionais.

Vivemos no isolamento depois que passamos por Fiji e todos os barcos foram para a Nova Zelândia. Fomos para a Micronésia navegando sozinhos. Depois Papua-Nova Guiné, Indonésia... Esse foi o momento em que começamos a nos perguntar: Será que estamos na baía certa? Será que a ancoragem aqui é segura?
Flávio Jardim

Como é voltar para casa depois desses dois anos e meio de viagem? Qual é a sensação?

Flávio: É muito emocionante, ainda não tive a sensação de alguém estar falando português do meu lado – ‘opa, esse aí é brasileiro’. É muito bom reencontrar a família e os amigos. Esta chegada, com um monte de gente aqui, também foi muito legal, eu não esperava por isso.

Diogo: Foi uma coisa engraçada, porque quando a gente partiu imaginava um orgulho por ter superado os desafios, as tempestades. E agora que a gente chegou, parece que percebemos que dizer que fizemos a volta ao mundo significa menos que estar fazendo a própria volta o mundo. Os valores acabaram mudando, e hoje em dia eu sinto mais orgulho por a gente ter sonhado e concluído, mas não propriamente por ter feito uma volta ao mundo. Aqui no Brasil não tem muita tradição, em outros países sim, como a França – em que várias pessoas estão fazendo, um ato acessível, que não necessita de muito dinheiro, por causa da qualidade de vida muito alta. É maior o orgulho de ter realizado um sonho. E a gente se sente feliz de ter conseguido, concluído.

Isso já é um grande aprendizado então...

Diogo: Mudar teus próprios valores é uma coisa importante, que a gente não esperava... Hoje sou um cara diferente.

E como foi viver o sonho do Destino Azul?

Flávio: Foi maravilhoso. Tudo que a gente esperava e mais um pouco. Nosso barco era muito bom, confiável e confortável. Decepcionamo-nos com alguns lugares que achávamos que seriam muito mais primitivos, porém outros lugares nos deram muito prazer de parar, como Papua-Nova Guiné. A viagem teve seus altos e baixos, mas foi maravilhosa.

Diogo: Eu diria que teve dois pontos muito importantes. Um é que a nossa vida em terra firme está tão acelerada pela tecnologia, que, quando visitamos lugares que ainda não têm internet, celular, parece uma viagem no tempo. Então, as histórias que ouvíamos dos nossos pais e avós, tivemos a oportunidade de vivenciar novamente, de elementos daquele tipo de vida. O outro ponto foi que ainda existe uma diferença de cultura muito grande. Você viaja de um país para outro e descobre uma cultura totalmente diferente. A gente tinha uma imagem de um mundo globalizado onde tudo era meio semelhante. No início, quando fizemos a costa do Brasil e do Caribe, a gente estava um pouco decepcionado, não vou negar, a beleza da natureza é incrível, mas você muda de uma ilha para outra e é tudo igual, além de o Brasil ser um ambiente familiar pra nós... Foi quando fomos para a Polinésia que tivemos realmente um impacto muito maior, e a viagem foi ganhando outra evolução, e isso nos surpreendeu positivamente.

Você falou em momentos decepcionantes... Quais foram os momentos mais difíceis dessa trip?

Diogo: A pirataria foi a nossa maior preocupação, principalmente no oceano Índico, na parte oeste, no golfo de Áden e no mar da Arábia, que é a entrada para o mar Vermelho. A região está realmente crítica, cheia de piratas da Somália... Teve mais de 400 ataques só em 2010. E como começou a operação dos navios de guerra das marinhas americana e francesa, os piratas acabaram descendo mais ao sul e entrando na nossa rota. Depois, fomos descobrir que ali era o ponto mais perigoso... Foi nossa pior travessia, do meio do Índico até Madagascar. Não conseguíamos dormir direito, não tomávamos banho. Sentimo-nos muito impotentes. E quando estávamos passando por Madagascar, outro veleiro foi sequestrado a alguns quilômetros do nosso barco. Entrei em pensamentos de que poderia ser com a gente... Já preparamos um telefone satélite, um GPS, fogos de artifício. A ideia tinha uma escapatória, um lugar para ficar escondido até a noite. Qualquer coisa, pularíamos no mar no bote e ligaríamos para o resgate, essa seria nossa única chance.

Flávio: Quando a gente estava em Tonga, rolou um tsunami a 100 km de distância. O norte de Tonga foi atingido, e nós estávamos no sul para surfar. Acabou que não pegou a gente, mas ficamos umas duas ou três noites sem dormir, esperando a maré baixar. Também, uma semana depois que saímos de Mentawai, na Indonésia – ficamos alguns dias ancorados em Macaronis –, entrou um tsunami que varreu todos os barcos que estavam por lá.

Diogo: Inclusive alguns barcos de amigos nossos que estavam por lá, barcos de 60 pés, entraram pra dentro do continente... Não podemos negar que tivemos muita sorte nessa viagem.

E sobre isso que vocês estão falando, agora rola uma sensação de alívio. Acredito que devem ter tido momentos de solidão, isolamento...

Flávio: O isolamento, depois que passamos por Fiji e todos os barcos foram para a Nova Zelândia. Os barcos franceses, os italianos, todo o mundo, porque é o roteiro padrão para fugir da época de furacões do hemisfério sul. Fomos pra Micronésia, que é totalmente diferente do resto.

E fomos navegando sozinhos, onde muitas vezes se opta por ir em conjunto... E começamos a fazer tudo sozinhos: Micronésia, Papua-Nova Guiné, Indonésia. E esse foi o momento em que começamos a nos perguntar: Será que estamos na baía certa? Será que a ancoragem aqui é segura?

Diogo: É, porque quando você chega a uma baía e vê um veleiro ancorado, você pensa ‘ele sabe o que está fazendo’. E quando você é o primeiro a chegar, você desconfia um pouco de tudo.

É parecido com um line-up? Você chega a uma praia que não conhece e vê um surfista no pico...

Diogo: É! O melhor pico é sempre o que está em frente ao estacionamento, né... [risos] Que está sempre cheio de gente e o pico ao lado está vazio, mas tem altas ondas... Você logo desconfia que seja ali que rolam as boas.

E como vocês controlaram suas emoções?

Diogo: É engraçado porque, quando você está num barco – nossa vida é bastante corrida; ou comemos, vemos TV, conversamos com alguém, e dedicamos muito pouco tempo para ficar pensando sobre a própria vida, realizando a manutenção. O barco te permite isso.

Ao mesmo tempo, você fica 10 horas sem ter nada para fazer, já leu todos os livros, viu todos os filmes, não tem bateria para o seu laptop, e você fica ali sentado, olhando pro nada durante muito tempo, o que proporciona uma visão da tua própria vida. É como se você se visse em terceira pessoa. No início, isso nos incomodava um pouco, mas depois você se acostuma. Eu não sei como será nossa vida em terra firme, mas vamos ter de nos adaptar outra vez a uma nova vida... A própria festa aqui já é um impacto muito grande.

Você já tinha falado na praia em ‘terceira pessoa’. Como se sua alma flutuasse e visse aquilo tudo de cima...

Diogo: Não sou um cara muito místico, mas percebi e enxerguei a vida, o que fiz e qual o caminho. Você consegue enxergar de uma maneira diferente o seu dia a dia e isso é importante. O desapareço... De todos os presentes que ganhamos em todos os lugares, esse foi o maior.

Vocês falaram que tiveram bastante tempo para leituras. Quais foram seus livros?

Flávio: Ah, foram vários. Um que me marcou foi sobre barco, *O garoto do convés*, [de John Boyne], que é sobre um motim que rolo no Tahiti, quando uma expedição inglesa voltava das ilhas e a tripulação se encontrou com lindas mulheres nativas e, seduzida por elas, realizou um motim para ficar por lá. Muito bacana.

Diogo: Eu tive dois. Um é *How to make sex like a porn star* [risos], que é da Jenna Jameson, uma atriz pornô americana.

Eu tenho um livro, *Hawaii*, do James Lind, um historiador que estou lendo pela terceira vez. É um livro fantástico, que conta a história do Hawaii. Eu já tinha lido antes, mas sentia uma coisa distante, romântica, de imaginar o lugar onde a cultura é preservada – da própria Polinésia, por onde a gente passou, e eu chegava a sentir a frustração de ter nascido muito tarde e não ter vivenciado aquilo... Tivemos a oportunidade de ter essas sensações. Tive outra interpretação do livro, mais real, agora de mais compreensão.

Quais foram os surf spots que vocês frequentaram no Destino Azul?

Flávio: Os picos são totalmente seguros, ninguém vai ficar sabendo [risos]. Começamos nas ilhas do Panamá, bem mais acima do que Santa Catarina (no hemisfério norte, do lado do Pacífico), depois Porto Rico... É muita viagem...

Diogo: Porto Rico foi onda de verdade, pegamos ondulação com período grande, altas ondas...

Flávio: Pegamos seis pés de onda com o barco parado do lado. É isso que é importante, o barco ancorado, e altas ondas ao redor, na sua frente.

Numa viagem dessas mudar teus próprios valores é muito importante. Hoje sou um cara diferente, uma pessoa melhor. Viver num barco te permite mudar. Você fica por 10 horas olhando para o nada durante muito tempo, o que proporciona uma visão da própria vida, da existência. É como se você se visse em terceira pessoa.
Diogo Guerreiro



Diogo Guerra em Micronésia



Eduardo Nedeff e esposa



Platia de Garopaba, dia 12 de fevereiro de 2011



Diogo e Mailyn



Flávio Jardim em Galápagos

Qual foi a melhor sessão de surf?

Diogo: A Micronésia foi imbatível. Na Indonésia também pegamos altas ondas. Mas na Micronésia não tem crowd...

Flávio: E estávamos ancorados no pico. O pessoal dos surf camps chegava só às 7 da manhã e já estávamos na água desde às 5h. Os grupos iam embora às 5 da tarde e nós ficávamos até às 7 da noite surfando sozinhos. A onda, world class, só com a galera do barco, que era eu, o Diogo, o Kauli Seadi e o Konan Lang, nossos convidados. Surfávamos sozinhos.

Vocês receberam muitos convidados durante a expedição? Quais foram os visitantes do Destino Azul?

Diogo: Minha família toda me visitou, menos o meu irmão, fiquei dois anos e meio sem vê-lo. Vários amigos próximos nos visitaram: o Kauli, o Konan, a família Nalu, com o Pato, a Fabi e a Belinha, o Thiago Carriço. E pra gente era muito bom porque eles traziam um pouco de Brasil, traziam fofocas de Florianópolis, Garopaba [risos]...

Já nesses últimos dias, nessa viagem de volta, precedendo a chegada de vocês, começou a cair a ficha? Como foi isso? Vocês começaram a pensar em tudo o que aconteceu?

Flávio: Quando a gente estava começando a viagem de volta em Cape Town, começamos a falar que quando chegasse a 200, 100 km da costa, bateria aquela ansiedade. Mas não bateu, ainda não caiu a ficha.

Diogo: Impressionante! Eu sempre imaginei a viagem de volta com bastante ansiedade, tem uma coisa até íntima que pode parecer ridícula. Mas, sabe quando está numa festa e toca aquela música que você gosta e fica até arrepiado, e começa a pensar na vida? Demorou a bater isso, até conversei com o Flávio. Você viaja tanto... Cada um tem seu destino. Aí você começa a focar coisas que são realmente importantes para tua própria evolução pessoal. E, ao mesmo tempo que desejávamos voltar, não queríamos que a viagem acabasse. A gente tinha até um dilema, sabe? Não queria botar a vela toda para cima, para ficar um pouco mais em alto-mar. Essas últimas horas foram as piores de ansiedade... E aí bateu a vontade de ver a família, os amigos. Acabou!

A ALMA SURF já publicou três matérias sobre a Expedição Destino Azul: a da Micronésia, de Galápagos e uma que contava a própria história do projeto, por meio de um perfil do Morongo – criador da Mormaii e principal patrocinador da investida. Como vocês abordaram a captação de conteúdo de toda essa aventura?

Flávio: Essa foi a coisa mais importante para a gente. Tentar tirar o maior número de fotos e registros. Na verdade, já estamos nisso há oito anos, tentando patrocínio e fazendo viagens de windsurf, e não é nem por patrocínio. A questão é realmente compartilhar a viagem com o mundo.

Diogo: As pessoas podem viajar conosco em nossas histórias e testemunhos.

Flávio: A viagem seria perfeita, se pudéssemos levar todos... Mas não todo mundo que surfa, senão não iam aguentar o crowd [risos].

Vocês tiveram um olhar direcionado para a ALMA SURF. O Diogo fez alguns ganchos nas publicações da revista...

Flávio: A ALMA SURF tem um olhar direcionado para esse tipo de vida... Então foi só a gente escrever com liberdade.

Diogo: A própria viagem é o espírito da revista, compartilhar foi fácil porque estamos na mesma sintonia da ALMA SURF. Sempre que preparávamos um envio para nossa assessoria, o Felipe da Mormaii, dizíamos: 'Manda para a ALMA SURF, o Destino Azul tem a cara deles'.

A ALMA SURF pretende agora fazer uma série de especiais com vocês, levar para a revista, para o portal almasurf.com, levar para o FestivAlma os conteúdos multimídia, mostrar para as pessoas toda essa aventura do Destino Azul.

Diogo: Apesar de a gente já ter falado bastante, ainda temos muito para compartilhar. A viagem é incrível, e o mundo está ali disponível para todos.

Flávio: Afinal, foram dois anos e meio, e não temos como falar isso nos minutos em que estamos aqui. Temos várias histórias para contar, boas e ruins. Porém, o mais importante é a essência.

Para vocês, como homens, qual o legado dessa viagem? Qual o legado do Destino Azul? Qual a relação que vocês tiveram com o Itusca?

Diogo: O barco se torna mais que um objeto, ele tem realmente vida. Acho que o legado do Destino Azul é descobrir que o sonho – pode parecer clichê, tudo bem, quantas pessoas já não falaram isso – pode se tornar realidade.

Flávio: O legado mais importante é acreditar no sonho e fazer o sonho. Não foi uma coisa que decidimos de um dia para o outro. Lutamos 10 anos por essa viagem. O windsurf foi um meio que encontramos para criar um nome, uma história para fazer esta volta ao mundo, e a gente completou.

Agora, vou deixar vocês livres para fazer os agradecimentos.

Diogo: Agradeço em primeiro lugar ao Morongo, dono da Mormaii, que acreditou na gente desde a primeira viagem, quando ninguém acreditava. Ele acreditou em nossa força.

Flávio: Ninguém acreditava... todas as portas fechadas... E o Morongo abriu a casa dele para ouvir nosso projeto. Ele falou: 'Vocês querem? Querem mesmo? Então vão para alto-mar que vamos pagar o custo mensal do projeto, e vocês vão chegar lá.

Diogo: Tenho que agradecer também às nossas famílias, que, apesar de terem sofrido muito – minha mãe especialmente, que teve até problemas de saúde por causa do estresse da viagem e eu espero agora recompensar com a minha chegada –, nos apoiaram integralmente. Agradeço do fundo do meu coração à minha esposa Mailyn. Nós somos casados há três anos e faz dois anos e meio que estou no mar. É punk suportar tudo isso, ter força para superar. E da minha parte agradeço especialmente ao Flávio, que foi meu parceiro em todas as expedições, e eu não conseguiria pensar em ninguém que pudesse ser um parceiro como ele. Viver confinado em um barco é muito difícil, e o Flávio é uma cabeça iluminada, um parceiro para todas as horas.

Flávio: E eu queria agradecer também ao Diogo, por ter me acompanhando em todas estas viagens, e pedir desculpas a meus pais por ter ficando tanto tempo longe [risos].

Pra gente terminar... Vocês fizeram uma viagem de surfistas de alma. O que é ser uma "alma surf"?

Flávio: É ver a onda da maneira mais primitiva do mundo. Não digo surfar, digo ver, sentir. É ver aquele tubo perfeito e querer estar dentro dele, pra sempre.

Diogo: É estar ancorado do lado do pico sem ninguém e não querer voltar para o barco, até o momento em que não se consegue mais enxergar a onda por falta da luz do dia. A vontade de ficar na água surfando é sempre maior. Acho que esse é o espírito do surfista, e acho que é isso que a ALMA SURF busca expressar com esta entrevista. Estamos muito felizes.

Muito obrigado! 🍌

*Adriano Vasconcellos é Editor-Chefe da plataforma ALMA SURF.



SUP Destino Azul



Romeu Andreatta e Gerson Pilião

Família Destino Azul



O mestre Morongo



A chegada

Café Mormaii Beach Club



Itusca

EIXO GROUP © - 2011 - ALL RIGHTS RESERVED - PHOTOS: JAMES THISTED - PHONE: (11) 2693-8791



HD | **SURF DREAM TEAM**

HAWAIIAN DREAMS | **TEAM**

WWW.HDSURF.COM.BR

PERFORMANCE PRODUCTS



LECO SALAZAR | BIG ISLAND | HAWAII

HOMEM X NATUREZA

A QUESTÃO DOS JET-SKIS EM MAVERICKS...

Em janeiro deste ano, o surfista Jacob Trette levou um wipeout em Mavericks (CA) que quase lhe custou a vida. Por sorte foi resgatado pelo experiente e renomado fotógrafo Russell Ord, que estava com o seu jet-ski n'água. O problema é que, naquele momento, Ord infringia uma lei. Um plano ambiental instituído pela NOAA em 2009 proíbe jet-skis no Santuário Marinho de Monterey Bay, área que inclui Half Moon Bay e, portanto, Mavericks. O acontecimento levantou polêmicas e dividiu opiniões na comunidade do surf. Afinal, até que ponto o surfista de ondas grandes deve se sentir resguardado pela presença dos jet-skis?

por Alexandra Iarussi*
fotos Don Montgomery

Na foto, Jacob Trette é o surfista de prancha verde junto do lip e está prestes a ser arremessado do último andar de Mavericks

Os surfistas deveriam respeitar as leis, porque elas foram feitas para proteger o oceano que eles tanto amam. Acho bom que existam resgates, mas muito me surpreende que não aconteça um afogamento por semana, porque aquele lugar (Mavericks) é como um Tiranossauro Rex. Ben Marcus

No dia 21 de janeiro de 2011, o surfista californiano Jacob Trette, 30 anos, literalmente voou da morte depois de ter sofrido um grave acidente em Mavericks, célebre pico de ondas gigantes da Califórnia. Era um sábado de sol e as ondas quebravam com 12-15 pés de altura, tamanho considerado "pequeno" para os padrões de Mavericks. No entanto, uma série de aproximadamente 20 pés veio de trás e pegou vários surfistas – posicionados mais para o outside – desprevenidos. E Jacob Trette, que realizava sua segunda queda no infame pico californiano, logo se viu no pior lugar para se estar em Mavs: no topo do lip, prestes a ser arremessado e despencar junto à bomba impiedosa de espuma branca. Sem a mesma sorte que outros surfistas próximos dele no line-up, Trette não conseguiu atravessar o paredão d'água e em poucos instantes despencava, em queda livre, rumo ao inferno de Mavericks. Na sequência, tomou quatro ondas na cabeça – conseguiu resistir às duas primeiras e apagou com a terceira bomba. Instantes depois, já desacordado e afogado, o surfista foi encontrado por um homem que passava de caiaque pelo local, que rapidamente acionou um cara de jet-ski que fotografava a sessão. Esse homem de jet-ski era o bombeiro e fotógrafo australiano Russell Ord – responsável por salvar Trette e levá-lo para terra firme –, que em poucos minutos partiu de helicóptero para o Centro Médico de Stanford. Amigos, família e pessoas próximas ao surfista acidentado temiam pelo pior quando, depois de resgatado, ele foi colocado em coma induzido durante dois dias. Felizmente, o surfista se recuperou rapidamente, e em pouco tempo já estava fora do hospital, concedendo entrevistas sobre sua experiência de quase morte. No entanto, uma dura polêmica subiu à tona: ao transitar com seu jet-ski em Mavericks naquele dia, Russell Ord infringia uma lei ambiental.

Sua prancha (verde) alça voo e Trette já está no pior lugar para ser atingido em Mavs. No momento dessa imagem, Jacob Trette está, definitivamente, nas mãos de Deus

A LEI AMBIENTAL

Preocupada com os impactos ambientais causados pelos jet-skis sobre a vida marinha, a Administração Nacional Oceanográfica e Atmosférica dos EUA (NOAA) instituiu em 2009 um plano de regulamentação (que existe desde a década de 90) que proibiu o tráfego de jet-skis no Santuário Marinho Nacional de Monterey Bay (MBNMS) – que ocupa uma área marítima de 15.783 km² e 444 km de costa da Califórnia, estendendo-se do condado de Marin ao de Cambria. Essa área inclui Half Moon Bay e, portanto, Mavericks. O plano ambiental criado pela NOAA prevê que os jet-skis circulem por quatro zonas originais (zonas portuárias), além de criar uma zona de exceção, denominada Quinta Zona, que permite o tráfego de jet-skis desde que tenha sido declarado um High Surf Warning pelo Serviço Meteorológico do Condado de San Mateo – isso durante os meses de dezembro, janeiro e fevereiro. Para ser declarado um High Surf Warning, as ondas devem estar maiores do que 20 pés de acordo com as boias locais, sendo que o período entre as ondas também é levado em consideração – estar acima da casa dos 15 segundos.

OS JET-SKIS E A FAUNA MARINHA

O incidente de Trette, que comoveu a comunidade do surf em Mavericks, chamou a atenção para uma importante questão a respeito do uso do jet-ski no famoso pico de ondas grandes: Até quando os surfistas devem se sentir resguardados pela presença dos jet-skis, que, como clamam os estudiosos da NOAA, são nocivos à fauna marinha? Durante os últimos anos, experientes surfistas e fotógrafos rebocaram seus amigos em ondas gigantes, protagonizando heroicos resgates em meio aos tempestuosos mares de Mavericks. O incidente de Trette, no entanto, talvez tenha sido o primeiro caso que ganhou maior repercussão da mídia a respeito de um resgate ilegal. Com o objetivo de obter mais detalhes a respeito do plano ambiental formulado pela NOAA ao longo dos últimos anos, a ALMA SURF entrou em contato com Mary Jane Schramm, porta-voz da agência, que nos disse já terem sido realizados vários estudos que comprovam o impacto negativo que os jet-skis exercem na vida marinha, em razão de sua alta velocidade e facilidade de executar manobras. De acordo com Schramm, o motivo para a restrição dos jet-skis no Santuário de Monterey, ao contrário do que muitos argumentam, não é a poluição. "A maioria dos jet-skis de dois cilindros foi substituída pelos de quatro cilindros, e a cada ano eles poluem menos. A verdadeira razão para a restrição dos jet-skis é a perturbação da vida marinha. Com a presença deles, as focas e lontras ficam bastante vulneráveis. Baleias, botos, golfinhos e várias espécies de pássaros marinhos também podem ser encontrados nas áreas de circulação dos jet-skis", disse à ALMA SURF. Além de Mavericks, o plano também restringe o acesso dos jets a Ghost Tree, famoso pico de ondas grandes da Califórnia. "Durante a revisão da regulamentação, alguns surfistas de tow-in vieram nos perguntar se permitiríamos o acesso a Ghost Tree. No entanto, depois de ter examinado o local algumas vezes, e devido às pesquisas de sensibilidade da vida marinha, pontos de parada distantes e longos corredores de acesso ao pico, chegamos à conclusão de que permitir o uso de jet-skis não seria uma decisão coerente com o objetivo de proteção ao santuário", explicou Mary Jane Schramm, porta-voz da NOAA.

RESGATES E PERIGOS

Já Russell Ord, procurado pela ALMA SURF, foi positivo quanto ao trabalho da NOAA de proteção à vida marinha, e disse também não saber que naquele dia desrespeitava a lei de preservação ambiental. "Tenho plena certeza de que a NOAA faz um ótimo trabalho e concordo com a decisão de restringir os jet-skis. No entanto, acredito que eles deveriam permitir que os jet-skis fossem utilizados para resgate em qualquer condição do mar. Eu não sabia das leis quando estava em Mavericks, mas me lembro de ter visto um grande barco de pesca passar pelo canal. Então, obviamente, eles não foram banidos." A respeito da presença de embarcações neste mar, Schramm afirmou que a intenção da NOAA não é tirar os barcos do local, que é uma região de importantes áreas portuárias. "Diferentemente das embarcações, com o jet-ski você não consegue enxergar muito bem quando está andando muito rápido ou fazendo ziguezagues. Outros tipos de barcos não operam dessa maneira e, por isso, apresentam riscos muito menores. Proibir embarcações vai de encontro à economia local". Para Don Montgomery, fotógrafo profissional que registrou o acidente com Trette e conhecedor de longa data de Mavericks, as motos náuticas nunca foram um problema para o Santuário Marinho de Monterey Bay. "Os jet-skis já não são tão prejudiciais ao meio ambiente porque hoje funcionam com motores muito mais limpos. Além disso, nunca foi realizada nenhuma pesquisa local – científica ou de qualquer outro tipo – para determinar a necessidade de banir os jet-skis nessa região. Eu também não me lembro de ter visto nenhum acidente com animais mamíferos causado por jet-skis", disse Montgomery à ALMA SURF.

Trette é engulido pelo lip.
Repare num pontinho preto sendo sugado pela onda.
É Jacob Trette, que já não consegue mais lutar
contra a força da gravidade nem contra a bomba de Mavericks

SEGURANÇA VERSUS MEIO AMBIENTE

Toda essa discussão esbarra numa questão central, já mencionada anteriormente nesta reportagem: até que ponto os jet-skis devem ser responsáveis por garantir a segurança dos surfistas dentro d'água, uma vez que, de acordo com especialistas da NOAA, eles são prejudiciais à vida marinha? Afinal, não seriam os surfistas também os primeiros a se mobilizarem em prol das questões ambientais? Mas e quando sua própria vida estiver em jogo? Não teria o homem o direito de usar a tecnologia a seu favor? Para tratar do assunto, também procuramos Ben Marcus, editor da ALMA SURF na Califórnia, que tem o voto pelo meio ambiente. "Os surfistas deveriam respeitar as leis, porque elas foram feitas para proteger o santuário marinho e, portanto, o oceano que eles tanto amam. Acho bom que as pessoas estejam lá realizando resgates e muito me surpreende que não aconteça um afogamento por semana, porque aquele lugar é como um Tiranossauro Rex". Ben Marcus fez questão de lembrar que, neste caso, a classe dos surfistas não é uma classe à parte, e por isso não deve ser privilegiada pela lei. "Mas se os surfistas recebessem regras especiais, os pescadores também deviam receber, e todo mundo deveria receber as regras de acordo com seus interesses. Correto? Os surfistas que estão em Mavericks arriscam a vida. Havia um tempo em que eles tinham de se defender sozinhos e não dependiam de ninguém para escapar de situações de perigo em alto mar." Já Schramm fez questão de lembrar que Trette não era um surfista experiente em Mavericks, que no dia do acidente realizava sua segunda queda no pico, e que alguns surfistas experientes que estavam naquele mesmo grupo não passaram por apuros. Para ela, existem dois pontos fundamentais quanto à segurança do surfista. "A primeira, e mais importante, é o surfista contar com sua experiência e habilidade nas piores condições daquele mar. Mavericks é conhecida por matar pessoas. A outra é reconhecer que a outra pessoa, seja alguém que estiver passando de jet-ski ou que for do resgate, terá que arriscar a própria vida para te salvar". Bem, talvez não fosse nem preciso lembrar o triste episódio de dezembro de 1994, quando o renomado surfista de ondas grandes Mark Foo se afogou depois de um aparentemente não tão pesado wipeout na mesma Mavericks, numa onda de aproximadamente 20 pés... Foi encontrado duas horas depois junto à sua prancha. O próprio Shane Dorian, lenda do surf mundial, que se atira nas condições mais monstruosas em vários picos ao redor do mundo, quase se afogou em Mavericks no ano passado, um dia depois da realização do Mavericks Surf Contest, segundo testemunharam os presentes: "Sob condições assombrosas". "Agora eu lhe pergunto: Como surfista, você se atiraria numa das ondas mais mortais do mundo num período de High Surf Advisory, sem tê-la surfado em condições normais? Eu ando de barco, conheço o oceano e tenho o maior respeito pelos surfistas. Eles têm uma relação especial com o mar, mas nenhum surfista que eu conheça entraria nessas condições de mar sem estudar o pico antes", disse, já acalorada no tom da entrevista, se colocando como uma ativista, Mary Jane Schramm.

MAVERICKS

Russell Ord, que já fotografou alguns dos maiores mares do mundo, acredita convicto que os surfistas devam ter noção dos seus limites. "Acho que os surfistas devem saber dos riscos que correm ao decidir entrar em Mavericks, independentemente de saber que existe um jet-ski lá fora para o resgate. Se você está lá fora apenas pela oportunidade de registrar uma boa imagem, acho que perdeu totalmente o feeling do surf de ondas grandes. Tenho como exemplo o fotógrafo Frank Quirarte, que conhece Mavericks como ninguém e já realizou inúmeros resgates que não chegaram às páginas de revistas e jornais. Imagine só quantas vidas ele já não salvou?" Don Montgomery, no entanto, lembra-se de suas inúmeras conversas com a NOAA e faz uma observação contundente quanto à presença dos animais marinhos em Mavericks quando o mar está realmente grande. "Como eu já disse inúmeras vezes, e como falei ao NOAA durante nossas reuniões públicas, os humanos são as únicas criaturas estúpidas o suficiente para se atirar em ondas que, quando quebram, são registradas na escala Richter! As focas e lontras simplesmente desaparecem quando as ondas estão desse tamanho." Montgomery foi incisivo quanto à sua opinião: "Como vocês explicarão aos entes queridos daqueles que perderam a vida que a NOAA estava apenas agindo em prol da segurança da fauna marinha?" Procurado pela ALMA SURF, Jeff Clark, um dos pioneiros do surf de ondas grandes de Mavericks, o maior conhecedor, comentou vagamente e não entrou em profundidade no assunto, porém disse que numa próxima oportunidade abrirá essa discussão. No entanto, depois de algumas pesquisas pela grande rede, não foi difícil encontrar um pouco do que pensa o lendário big-rider a respeito do assunto. Numa entrevista ao *Surfline* realizada em novembro de 2008, Jeff se fez entender em poucas palavras: "Isso é um claro exemplo de pessoas governando coisas que não entendem. As pessoas que criam essas leis sequer passaram algum tempo no santuário marinho. Quando você está a algumas milhas para fora do oceano, precisa tomar certas precauções, e o jet-ski é a melhor maneira e a mais segura de fazer isso." No final da entrevista, Jeff foi direto ao ponto: "Você obedeceria a uma lei que poderia matar o seu melhor amigo?"

NOTA

A multa por desobediência da lei é de 500 dólares. Além disso, caso outras leis sejam infringidas, como machucar algum animal marinho, por exemplo, outras penalidades podem ser aplicadas, sob a acusação da violação do Ato de Proteção aos Mamíferos Marinhos; do Ato de Espécies em Risco de Extinção; do Ato de Pássaros Migratórios, etc. Vale frisar que as multas variam de pena para pena, e as penalidades podem envolver também as esferas civis, criminais, e até a prisão.

*Alexandra Iarussi, é repórter especial da plataforma Alma Surf.

VONZIPPER

DONAVON | MANCHU



LOJA BILLABONG OSCAR FREIRE
R. OSCAR FREIRE, 909 - JARDINS
TEL. (11) 3061-2798



VONZIPPER.COM IT'S A PANCAKE BREAKFAST IN BED WITH A PANDA
..... WEARING A COWBOY HAT

HAWAII

INÍCIO DA TEMPORADA 2011

UM INVERNO DIFÍCIL DE ESQUECER...

O início de 2011 ficou marcado pelo tamanho e pela consistência dos swells que atingiram o arquipélago havaiano. Picos como Sunset e Pipeline quebraram sem parar. Um dos personagens que mais chamou a atenção foi o jovem John John Florence, com surf de alto nível, que mostrou uma nova troca de guarda. Waimea quebrou de gala e o "Eddie" quase rolou. Jaws aconteceu na remada, com destaque para brasileiros como os inconsequentes Danilo Couto e Yuri Soledade. E as lutas, como o jiu-jítsu, estão totalmente integradas na vida havaiana. E ainda pode rolar muita onda...

por Rosaldo Cavalcanti*
fotos Bruno Lemos, Sean Davey e Tracy Kraft

"Essa onda do Haroldo é uma prova de perseverança. Por alguns anos ele falava que um dia sairia na capa da Alma Surf pegando uma bomba no Hawaii. O tempo passou... Mas naquele sábado de 5 de fevereiro de 2011, por volta das 5h30 da tarde... Haroldo Ambrósio dropou essa 'Onda Linda'. Digna da capa da ALMA SURF".
Bruno Lemos, brasileiro radicado no North Shore de Oahu, Hawaii



Um inverno difícil de esquecer... Entre fatos e fotos deste inverno havaiano, aqui estão algumas imagens que contemplaram a cena 2011



ANDREW CHRISTIE



BRUNO LEMOS

UM INVERNO DIFÍCIL DE ESQUECER...

Entre fatos e fotos registrados nesse inverno havaiano, um dos personagens que mais chamou a atenção foi o jovem John John Florence – tem apenas 18 anos de idade –, que venceu dois campeonatos seguidos em Pipeline: Da Hui Backdoor Shootout e o Volcom Pipe Pro. Uma prova de que uma nova geração está chegando e que mais uma troca de guarda está acontecendo na meca do surf. No dia 20 de janeiro o arquipélago foi atingido por uma ondulação de respeito. Com as boías mostrando potencial XXL para o swell. Waimea quebrou de gala e o “Eddie” quase rolou. Mas como o pico do swell foi registrado durante as primeiras horas da madrugada, o campeonato acabou não acontecendo. De acordo com o meteorologista Pat Cadwell, uma das maiores autoridades quando o tema é previsão de ondas, o fenômeno La Niña foi responsável pela quantidade absurda de ondas e pelos dias de sol e ventos favoráveis que atingiram a costa norte de Oahu durante o mês de janeiro. Pouca chuva, ventos bons e muita onda foram a tônica do início do ano no Havaí. O fato é que o inverno havaiano deve continuar produzindo ondas com tamanho e qualidade até março.

Ao lado: Mulheres e as múltiplas cores do North Shore;
O estilo inconfundível de Rob Machado em Pipeline;
Fastie Eddie conversa com os amigos brasileiros,
entre eles Picuruta Salazar, Cesinha e Dê da Barra;
Flynn Novak voa em qualquer tipo de onda;
Nesta: John John Florence levanta mais um cheque no Havaí



SEAN DAVEY



BRUNO LEMOS



BRUNO LEMOS



SEAN DAVEY

ANDREW CHRISTIE



BRUNO LEMOS

BACKDOOR SHOOTOUT

John John Florence venceu dois campeonatos seguidos em Pipeline. No primeiro deles – o Da Hui Backdoor Shootout –, John John derrotou os havaianos Kalani Chapman, Makua Rothman, Mark Healy e Fred Patacchia, antes de faturar o prêmio de 40 mil dólares. “Esta vitória significou tudo pra mim. Pipe é a minha onda favorita e eu surfo aqui quase todo dia”, declarou John John ao receber o cheque da vitória. O Backdoor Shootout é uma espécie de Pipe Masters ao avesso. Com uma estrutura simples e sem muito glamour, o Shootout é disputado em apenas dois dias e tem um formato original: nenhum competidor é eliminado de primeira, e um sistema próprio permite que um surfista possa marcar mais de 10 pontos numa onda, em baterias que têm apenas 3 competidores n’água, cada um deles representando uma equipe. Sem falar no seu diretor de prova – o famigerado Eddie Rothman, mais conhecido como Fastie Eddie –, que ninguém ousa peitar. “Aqui na América o apelido de Fastie pode ter diversas conotações. Pode ser dado a alguém que faz as coisas com agilidade, ou alguém que reage e bate rápido...”, explicou o brasileiro Geraldo Costa, mais conhecido como “Kid Peligro”. Treinador de Fastie Eddie, Kid é um famoso jornalista especializado em artes marciais, e tem passe livre entre os havaianos. Apesar da vitória de John John, foi o havaiano Kalani Chapman quem surfou a melhor onda do Shootout: “Eu estava usando a minha 8’6” e remei com tudo pra aquela onda... Reef [McIntosh] ainda me perguntou se eu ia e eu disse que sim. Fiz o drop, coloquei a prancha no trilho e joguei pra dentro do tubo...”, disse Kalani. “Fui cuspidado pra fora e sai festejando.” Mesmo derrotado na final, foi de McIntosh a melhor descrição do Shootout 2011: “Foi como se eu estivesse na Disneylândia, com os meus melhores amigos”. Foi Nathan Fletcher – filho de Herbie – quem surfou a onda mais bem pontuada do evento. Um tubo longo, que lhe rendeu 11.5 pontos e garantiu a vitória da sua equipe. No frígido dos ovos, Mark Healey quase tirou o título das mãos de John John depois de uma performance espetacular na terceira fase. Mas Healey acabou em quarto lugar. “Pipeline estava perfeito. Foi a minha melhor sessão nos últimos anos.” O resultado final do Shootout serviu pra mostrar que está acontecendo uma nova troca de guarda no North Shore de Oahu. Basta dar uma olhada na idade e nos sobrenomes de alguns dos finalistas: John John Florence, Kalani Chapman, Makua Rothman, Mark Healey e Fred Patacchia...

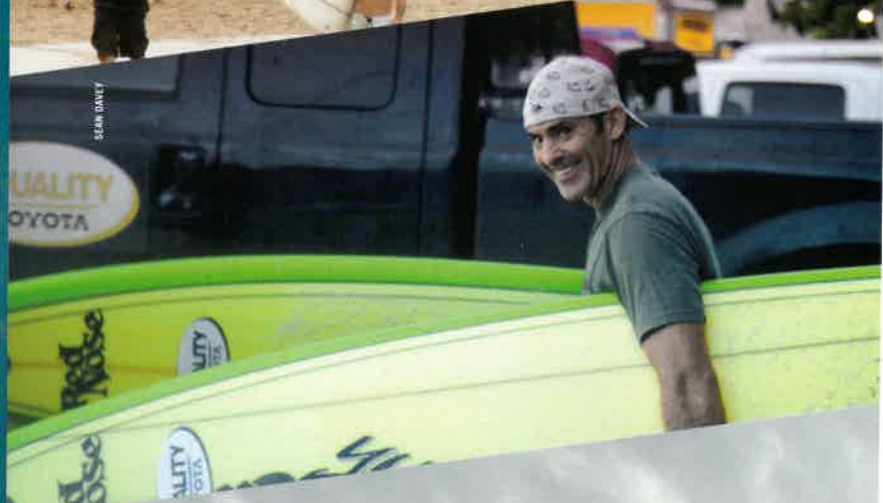
Uma nova matilha está dominando o North Shore. Liderada por nomes como J.O.B., John John Florence, Flynn Novak e Kalani Chapman... Esses jovens lobos estão famintos. Nascidos e criados nas areias do North Shore, eles se sentem em casa nas ondas havaianas. Na foto de Sean Davey, John John Florence em Backdoor

JOHN JOHN EM PIPELINE

Duas semanas depois de vencer o Shootout, a estrela de John John Florence brilhou novamente. Em mais um dia de Pipeline perfeito, John John derrotou o favorito Jamie O'Brien na final do Volcom Pipe Pro. Os dois são amigos de longa data. Ambos nasceram e cresceram nos arredores de Pipeline. É claro que o fato de O'Brien ter surfado cinco baterias num só dia, depois de passar dois doente, pode ter atrapalhado seu rendimento na final. O'Brien já venceu cinco campeonatos em Pipeline e é o único surfista a ter vencido as três principais competições disputadas na onda mais adrenalizante do North Shore de Oahu: Pipe Masters, Backdoor Shootout e o Volcom Pipe Pro. “Jamie pode tirar um 10 em qualquer onda. Principalmente em Pipeline”, disse John John. “Ele é o melhor aqui, e a gente sempre se sente intimidado quando o enfrenta nestas ondas.” Na final do Volcom Pipe Pro, John John viveu dois minutos cruciais na sua curta carreira profissional. Logo após Chris Ward iniciar a final com um tubo pra direita, John John não perdeu tempo e pegou uma boa (8.43) em Ain'ts, aquela bancada esquisita – e perigosa –, que fica entre Backdoor e Off-the-Wall. Logo após John John pegar mais uma onda boa na final do Pipeline Pro, Jamie O'Brien surfou um tubão pra esquerda. JOB saiu no canal ainda em tempo de ver John John remando – se jogando – naquela que seria a melhor onda da final. “Eu vi John John escalando aquela onda, muito atrasado... Ele completou um drop impossível, desapareceu num cilindro perfeito e o resto é história”. A versão de John John tem uma perspectiva diferente sobre o mesmo momento: “Vi o Jamie pegando uma da série enquanto eu voltava remando. Foi quando eu reparei que tinha outra atrás, que parecia ainda melhor que a primeira. E aí eu disse pra mim mesmo: tenho que pegar esta onda. Remei o mais rápido e dei uma despencada, quando cheguei à base, ainda estava de pé. Graças a Deus minhas quilhas garantiram a virada e eu fiz o tubo”. De volta ao pico, com a bateria nos seus momentos finais, John John sentou ao lado de JOB e ouviu do amigo: “Agora vou tirar um 10”. Garantiu JOB. “Eu quero ver”, desafiou John John. Não veio mais nenhuma onda, e John John conquistou sua segunda vitória consecutiva em Pipeline.



Ondas grandes. Lua cheia. As marés variando muito. Vento terral. Sol brilhando. Aparentemente um dia perfeito pra realizar um campeonato de ondas grandes em Waimea... Certo? Errado.

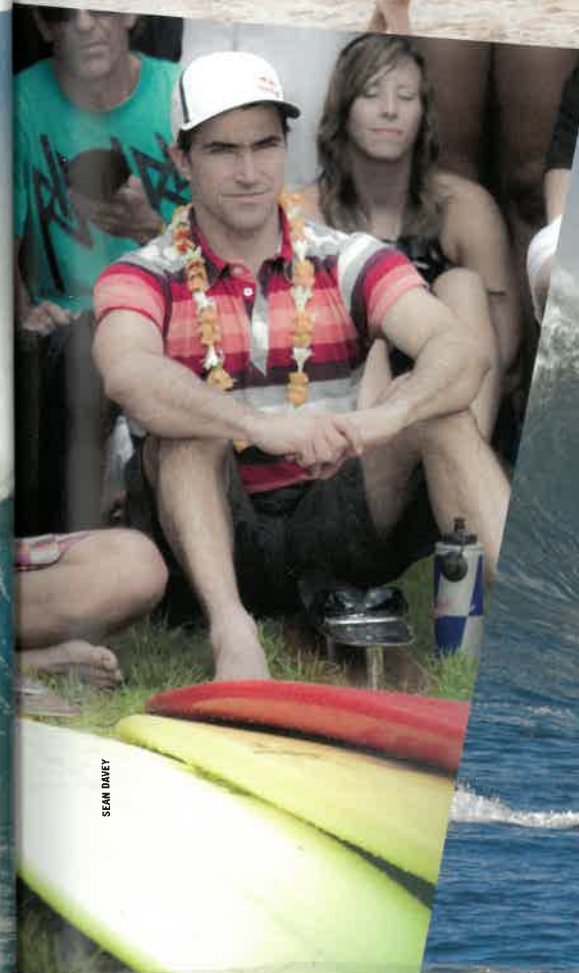
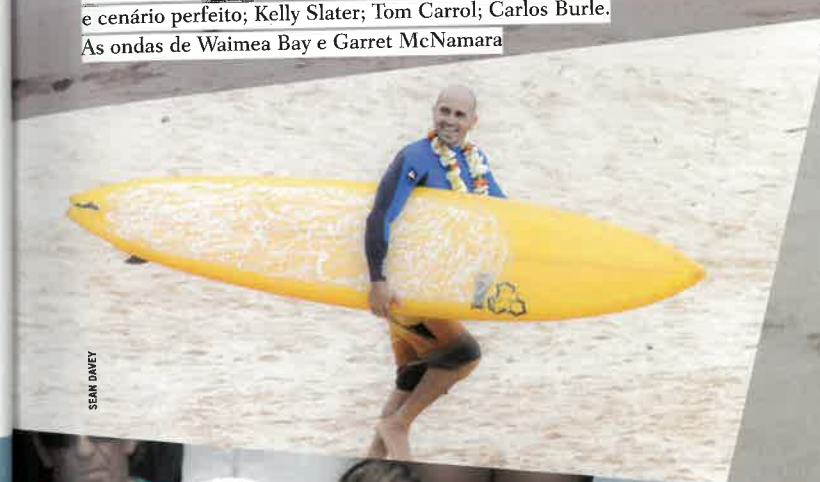


20 DE JANEIRO: O DIA EM QUE O EDDIE NÃO ROLOU

Ondas grandes. Lua cheia. As marés variando muito. Vento terral. Sol brilhando. Aparentemente um dia perfeito pra realizar um campeonato de ondas grandes em Waimea... Certo? Errado. Pelo menos na opinião de George Downing, o 'cara' que decide o dia em que o In Memory of Eddie Aikau é disputado. Surfista e salva-vidas, Eddie Aikau desapareceu no mar em 1978, depois que a Hokule'a, uma réplica da antiga canoa havaiana, afundou no canal que separa as ilhas de Oahu e Molokai, no Hawaii. No dia 20 de janeiro de 2011, uma multidão lotou os arredores da baía de Waimea desde as primeiras horas da manhã do dia. Apesar das ondas grandes, George Downing virou seu polegar direito para baixo indicando que o Eddie não seria realizado. Uma decisão que frustrou muita gente. Um dos pioneiros do surf de ondas grandes nas ilhas havaianas, Downing é uma lenda viva. Foi o desbravador da costa norte de Oahu durante os anos 50, e um dos primeiros surfistas a estudar os mapas de tempo para tentar prever quando, como e onde iam quebrar as melhores e maiores ondas. Hoje em dia, Downing é uma espécie de imperador romano do surf de ondas grandes, que tem a palavra final na hora de enviar os gladiadores para dentro de Waimea, o coliseu havaiano. Lá eles enfrentam toneladas de água salgada lutando para conquistar o troféu mais cobiçado no universo do surf de ondas grandes. Quando o sol iluminou a manhã do dia 20 de janeiro, as séries estavam grandes em Waimea. Mas apesar de uma ou outra quase fechar a baía – fato que só acontece nos dias em que as elas têm mais de 25 pés havaianos –, Downing estava mais preocupado com a consistência do que com o tamanho do swell. Duas coisas o incomodavam. Primeiro a direção, que estava muito de oeste. Waimea gosta mais de um swell com direção norte/oeste. Em segundo lugar, o pico do swell tinha sido registrado durante a noite passada e as boias, que ficam em volta do arquipélago havaiano, já estavam baixando. Com a baía lotada de competidores, equipes de filmagem e uma multidão disposta a encontrar o melhor ângulo para assistir à prova, todos aguardavam ansiosos a decisão do imperador George. E eis que, finalmente, ele anuncia sua decisão: os gladiadores seriam poupados naquele dia. "Foi uma decisão difícil, mas é Waimea, e não eu, quem decide. The bay makes the call... Not me." E fim de papo.



Sentido horário: Palanque montado e as primeiras horas da manhã e cenário perfeito; Kelly Slater; Tom Carroll; Carlos Burle. As ondas de Waimea Bay e Garret McNamara



JAWS NA REMADA

Danilo Couto é um surfista corajoso e inconsequente. De olho no prêmio XXL na categoria de remada, Danilo chegou à conclusão de que suas chances de surfar a onda do ano aumentariam consideravelmente se conseguisse entrar remando numa bomba em Jaws. Depois de passar várias semanas monitorando as condições, Danilo decidiu arriscar a sorte no dia 16 de janeiro. Com um swell de oeste, que não é o ideal para Jaws... E acompanhado de um bando de malucos brasileiros, entre eles Yuri Soledade e Marcio Freire, Danilo botou pilha nos amigos e com sua gun debaixo do braço pulou das pedras e saiu remando pelo canal de Pe'ahi. Lá fora, sentou-se e aguardou sua vez. Quando uma das maiores do dia surgiu no horizonte, ele começou a remar. Depois de completar o drop, escapou ileso, mas altamente adrenalizado. Considerada a arena final do surf de reboque, Jaws fica na costa norte da ilha de Maui e só começa a quebrar quando as ondas estão grandes... Bem grandes. A força da onda ao se aproximar da bancada, a velocidade do vento... Tudo torna a missão muito difícil e arriscada. Algumas semanas depois, no dia 8 de fevereiro, um swell de norte/oeste apontou na tela dos computadores, e Danilo estava novamente remando em Jaws. Depois de repetir o ritual da vez anterior, ele se posicionou no pico disposto a remar para a maior onda que surgisse na sua frente. E foi exatamente isso que ele fez...

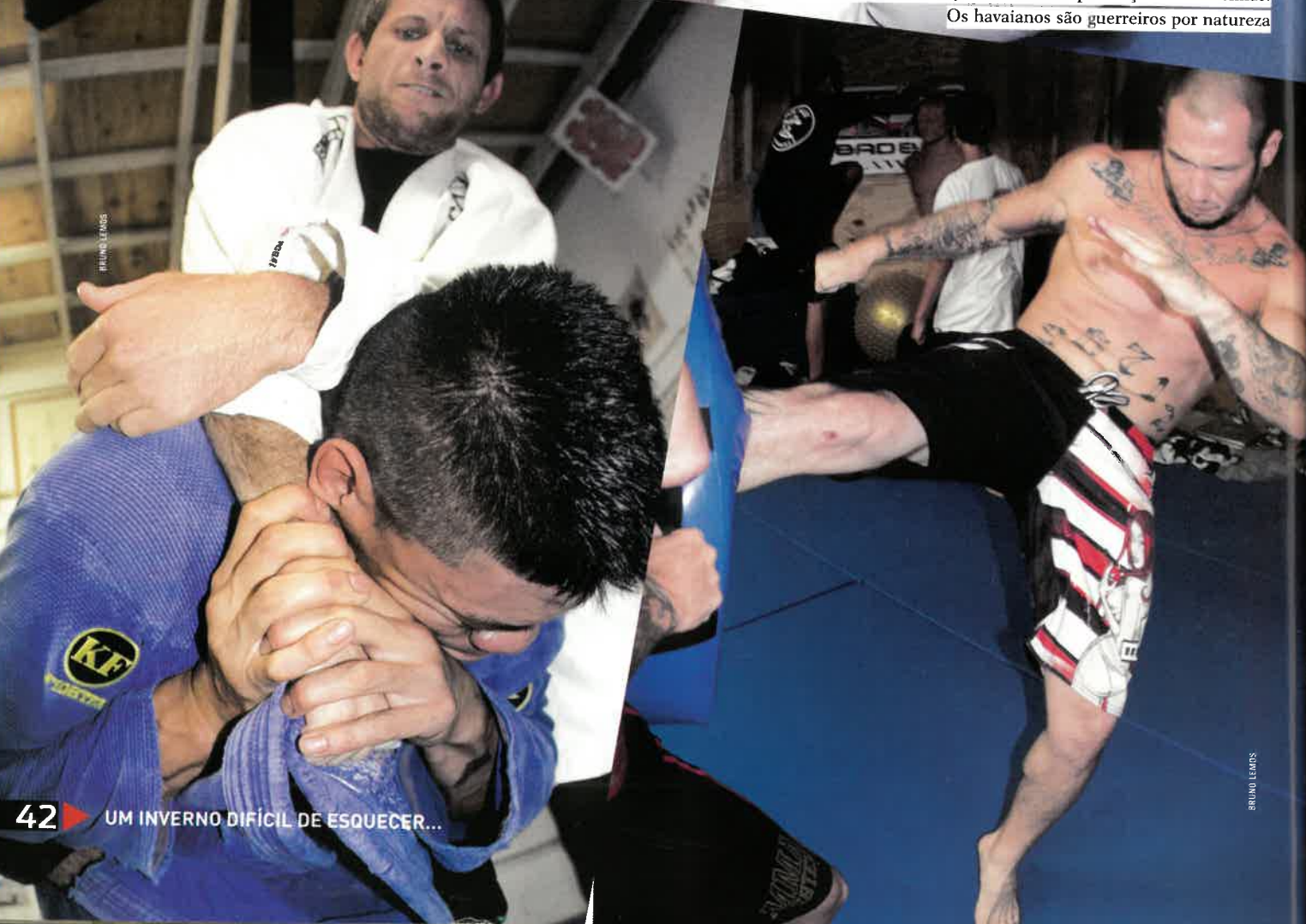
Para um surfista entrar remando numa onda em Jaws, o swell não pode estar muito grande. E, de preferência, o vento tem que estar fraco. Um dia de ondas grandes e clean, como o dia 08 de fevereiro de 2010, é o ideal. No seu auge, a boia registrou um intervalo de 18 segundos. No Hawaii, quando a boia registra intervalos acima de 17 segundos: é onda grande na certa, com no mínimo 18 pés havaianos. Na onda Yuri Soledade

A SESSÃO DO DIA 08 DE FEVEREIRO

Este ano o vencedor da categoria Remada do XXL deve ser um dos malucos que se arriscaram remando em Jaws, neste dia 8 de fevereiro de 2011. Naquela manhã de inverno, Mark Healy, Greg Long, Ian Walsh, Nathan Fletcher e os brasileiros Danilo Couto, Yuri Soledade e Marcio Freire pegaram suas guns e saíram remando pelo canal de Pe'ahi, onde quebra a onda que há anos atrás Derek Doerner batizou de Jaws. Durante semanas, os malucos passaram horas monitorando pela internet os mapas meteorológicos. Até o dia 8 de fevereiro, quando uma ondulação reuniu as condições esperadas para quebrar alguns paradigmas. Considerada a arena final do surf de reboque, Jaws já havia sido surfada na remada por outros surfistas. Mas neste dia épico a ordem foi definitivamente invertida, e os jet-skis ficaram estacionados no canal. "Alguns surfistas medíocres buscam a fama e a glória rebocados por jet-skis. Eu sou homem. Entro remando", declarou o big-rider havaiano Kala Alexander. Mas, polêmicas à parte, não resta dúvida de que o surf de reboque tem o seu lugar. E em alguns dias ele é a melhor, talvez a única opção. Afinal de contas, quando as ondas ultrapassam certo tamanho, é humanamente impossível entrar remando. O fato é que nos últimos anos o surf de remada vem renascendo, e sendo mais uma vez respeitado como o verdadeiro desafio do homem vs. natureza.



Joel Tudor representa bem a ligação entre o surf e o Jiu-jitsu. Campeão Mundial de Longboard começou a praticar Jiu depois que teve um problema em Pipeline. As lutas, como o Muay Thai marcam presença nas academias. Os havaianos são guerreiros por natureza



GUERREIROS DO HAWAII

Os havaianos são guerreiros por natureza, e a história do Hawaii é pontuada por uma série de batalhas sangrentas. Não é a toa que os polinésios adoram as lutas e as artes marciais em geral. Desde que Relson Gracie levou o Brazilian jiu-jitsu para as ilhas havaianas, a 'arte suave' é cada dia mais popular entre os locais. O número de academias e faixas pretas não para de aumentar no arquipélago, e atualmente alguns brasileiros vivem de dar aulas de jiu-jitsu para os havaianos. Joel Tudor representa bem a ligação entre o surf e o jiu-jitsu. Campeão mundial de longboard, ele começou a praticar jiu-jitsu depois que teve um problema em Pipeline. "Eu fui obrigado a brigar com outro surfista e ele sabia jiu-jitsu. Quando eu me toquei ele já estava me finalizando. Eu não pude fazer nada e me senti vulnerável. Foi quando botei na cabeça que tinha que aprender aquele estilo de luta". Joel treinou durante anos até conquistar sua faixa preta. Atualmente, ele treina com o mestre Rodrigo Medeiros, em San Diego, na Califórnia. "Aprendi que o jiu-jitsu é uma arte, e fiquei fascinado pela técnica e pela filosofia desse esporte." Joel se declara adepto do pacifismo, e seu discurso condena qualquer tipo de atitude agressiva. "Hoje em dia me sinto mais seguro e autoconfiante para encarar meus desafios. Devo isto ao jiu-jitsu." No Hawaii, tem acontecido tudo de melhor, é o epicentro do mundo do surf, a meca, e ainda muito surf vai rolar em março, numa temporada que tem tudo para continuar gerando muita onda...

*Rosaldo Cavalcanti, é jornalista especializado, uma das fundações do surf brasileiro.



No alto da pág; Naquele que foi o melhor e maior Pipeline da temporada, o baiano Danilo Couto, surfou uma bomba. Provavelmente uma das maiores do dia. Danilo vem se dedicando ao surf de ondas grandes há várias temporadas e vem conquistando respeito e notoriedade no universo do big surf. Acima: Kalani Chapman reza em Pipeline e agradece aos céus. Chapman, além de ter surfado a melhor onda do Shootout, surfou as melhores ondas da temporada. Abaixo: ótimas ondas em Laniakea. E ainda vai rolar muita onda...

Em lindos dias de ondas pequenas, não há nada melhor do que pular de uma pedra em Waimea, em companhia de suas amigas

A DIVERSIDADE DO NORTH SHORE UM UNIVERSO PARALELO

Homens, mulheres, surfistas experimentalistas, crianças, stand-up surfers e body surfers. A diversidade da temporada havaiana transforma o North Shore em um lugar único, das referências da terra de reis polinésios às novidades do mundo do surf. Da janela da minha casa, vejo um mundo exótico e multicolorido... E de altas ondas!

Por Jim Russi*





Nesta: Jake Kirschenbaum numa bomba em Pipeline.
Em sentido horário: surfista aproveita Waimea Bay na remada;
alaia à beira-mar e surfista voando baixo em Off The Wall



UM UNIVERSO PARALELO

Quando se fala do North Shore, o pensamento que vêm à cabeça da grande maioria das pessoas é o do ambiente frequentado apenas por surfistas profissionais que colocam suas habilidades em jogo para desafiar ondas mortais, trajando apenas boardshorts coloridos e, em alguns casos, capacetes e coletes... Em parte, é assim que as coisas funcionam por aqui. Ao menos, tem sido essa a imagem icônica das "sete milhas milagrosas" veiculada nas revistas e filmes de surf desde a década de 60.

Verdade seja dita. Esta pequena faixa de areia conhecida como North Shore de Oahu, localizada no burburinho do Hawaii, é o ponto convergente de swells gigantes que viajam milhares de quilômetros pelo oceano Pacífico até chegar aos afiados e vulcânicos recifes de coral, originando ondas potentes e perfeitas. Essa costa abriga alguns dos picos de ondas mais famosos do mundo, como Pipeline, Sunset Beach e Waimea Bay.

Esses picos são ansiosamente visitados por surfistas e turistas que querem ver de perto toda essa força. Na maioria das vezes, as ondas quebram. Afinal, quando falamos de frequência de boas ondas, o North Shore é um dos lugares mais consistentes do planeta.

Durante a temporada de inverno, que faz a abertura entre os meses de novembro e dezembro, a indústria do surf e os patrocinadores do mundo inteiro injetam seus milhares de dólares na economia local. É a época em que recebemos os melhores surfistas do mundo em nossa "pequena" casa. O foco principal é o Circuito Mundial de Surf Profissional, realizado em Pipeline, e os secundários ficam com outras duas etapas que formam a Tríplice Coroa havaiana, realizadas em Haleiwa e Sunset Beach. Junto desse crowd, chega também um exército de fotógrafos e videomakers, todos reunidos num pontinho no meio do Pacífico para registrar esse mesmo grupo de surfistas profissionais para propagandas, reportagens de revistas e vídeos de surf. E alguns desses caras e outros que chegam ficam por todo o verão, estendendo a temporada até março.





JIM RUSSI

Tom Curren, entra e sai d'água e passa despercebido aos olhos da multidão... Até que ele entra de backside num tubo gigante em Pipeline

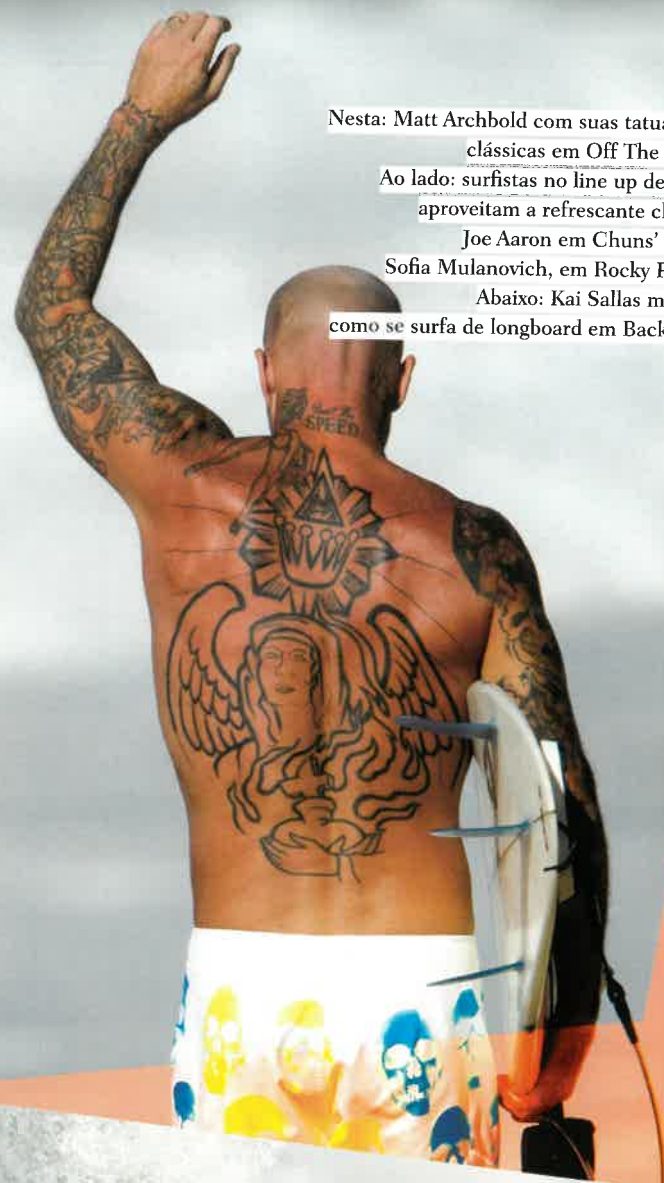
NORTH SHORE EXPERIENCE

O North Shore dispõe de apenas um hotel, que fica a aproximadamente 8 quilômetros de distância das praias, e tem preço bastante salgado. Sendo assim, praticamente todo o mundo do surf e seus fãs tentam desesperadamente se encaixar em alguma das casas de família que abrem suas portas para alugar na temporada. Vale dormir em sofás e poltronas ou até mesmo no chão da casa de amigos. Na real, vale dormir em qualquer canto mesmo. Enquanto isso, os surfistas da elite profissional se instalam em lindas e confortáveis casas à beira-mar, com vista para Pipeline e Backdoor, em imóveis comprados ou alugados por seus patrocinadores. Esse é um dos principais elementos que constituem o que chamamos de "North Shore Experience". Porém, não é o único. Naqueles que são sortudos o bastante para chamar o North Shore de lar, percebemos um lado diferente da vida por aqui. Inevitavelmente presenciamos a "feira de fãs" em que se transforma o North Shore com a chegada das competições do Circuito Profissional. Afetuosamente, nos referimos a essa época como "The Circus" (O Circo), já que enfrentamos trânsito atípico, crowd dentro e fora d'água, e respondemos às inúmeras perguntas de surfistas visitantes e turistas. Tudo isso faz parte de nossa vida no "Paraíso".

Muitos surfistas, inclusive eu, vieram para o North Shore na década de 70 em busca de ondas grandes e de um lifestyle sem grande luxo. E foi basicamente o que encontramos. Com o passar dos anos, percebemos que aqui existia mais do que ondas grandes e vento terral.

Trabalhar passou a fazer parte do contexto. Brinquedos como Jet-skis, carros, diferentes pranchas e todo o tipo de coisa que nos mantém ocupados quando as ondas não estão na casa dos 20 pés de altura, também.

Nesta: Matt Archbold com suas tatuagens clássicas em Off The Wall;
Ao lado: surfistas no line up de Pipe aproveitam a refrescante chuva;
Joe Aaron em Chuns' Reef;
Sofia Mulanovich, em Rocky Point;
Abaixo: Kai Sallas mostra como se surfa de longboard em Backdoor





JIM HUSTON

A VIDA NO NORTH SHORE

O que eu mais gosto da vida no North Shore é que hoje existe tanta coisa para fazer que foge da pauta das grandes revistas de surf. Diferentemente da Califórnia e de outros lugares que respiram a cultura surf e que conheci durante 30 anos viajando pelo mundo, o Hawaii não é habitado apenas por surfistas rotulados em grupos. Aqui, é difícil classificar os surfistas... Shortboarders, longboarders, bodyboarders, watermen. Nossas crianças nadam e brincam nos shorebreaks antes mesmo de aprender a andar. Surfam de bodyboard com apenas dois anos de idade e de longboard aos quatro. Adultos, aprendemos a gostar de qualquer veículo aquático e barcos à vela, e a escolher o melhor deles de acordo com as condições do mar. Surfamos de guns e pranchas de tow-in quando o mar está grande, de pranchinhas em mares cavados, e fishs e longboards em ondas divertidas. Temos corridas de stand-up paddle e de canoas havaianas. Sessões de mergulho e pulos das pedras quando o mar está flat. Surfar no North Shore é um ato que comporta vários tipos de onda, diferentes comportamentos do oceano, e o que fazemos é abraçar e curtir todos os estilos. Aí está a diversidade deste pequeno espectro no meio do oceano, do qual o mundo espera grandes acontecimentos. De homens que surfam montanhas a meninas que desfrutam do lifestyle do surf, a crianças que brincam no shorebreak, entre tantos exemplos. No Hawaii, surfistas de todos os estilos e idades dividem o mesmo espaço, como num universo paralelo.

O surf feminino evolui tanto, que seja com um longboard, uma pranchinha ou um stand up, elas desafiam ondas de todos os tamanhos.

Na foto, Rachel Spear, longboarder profissional e modelo, passa pela série em Gas Chambers

Na foto: Kelia Moniz é só sorrisos;
 Em sentido horário: a brasileira Bruna Schmitz
 destila beleza e força na temporada;
 local Kamaki Worthington em Ehukai Beach Park;
 grommets Noah Beschen e Makana Pang;
 Sion Miloski cercado por paparazzi.
 Na pág: meninos e meninas do North Shore

A MULHER NO MUNDO DO SURF

Neste universo atual, as mulheres estão cada vez mais presentes no surf. Desde a mesma década de 60 que já citei neste contexto do Hawaii, graciosas garotas estampam páginas de revista, o que começou pela Surfer. Os retratos de uma Califórnia dourada também moldaram a silhueta feminina.

Contudo, na maioria das vezes, a mulher estava fora d'água, sentada na areia, vendo os seus namorados surfar. Pouquíssimas imagens daquela época mostravam mulheres curtindo uma sessão de surf. A década de 70 representou uma evolução maior. E na década seguinte elas entraram na era das competições, o que ofereceu corpo ao surf feminino. Nos anos 90, começamos a ver muito mais garotas nos line-ups, e em meados de 1990 marcas de surfwear lançaram suas linhas para mulheres, como, por exemplo, a Quiksilver/Roxy, que apostou no público feminino e produziu uma série de boardshorts. A moda veio em primeiro lugar e atraiu a atenção das meninas para o surf. Lisa Anderson estampou capas, sendo que uma delas, na mesma Surfer, com um belo aéreo que levava a seguinte manchete: "Lisa Anderson surfs better than you" (Lisa Anderson surfa melhor do que você). E a partir daí, as mulheres invadiram o North Shore.

O line-up foi invadido por um número cada vez maior de surfistas mulheres. Homens e mulheres disputam braçada a braçada os drops desde os anos 2000. Mas agora percebe-se no Hawaii que a mulher encontrou seu espaço, com leveza, beleza e potência de surf e sorrisos.

Stephanie Gilmore é apenas uma das que impressionam, campeã mundial da ASP com 17 anos, agora já acumula quatro títulos consecutivos. Ela é só uma das referências atuais, porque, ao olhar pela janela de casa, vejo muitas garotas que mal conheço arrebatando! Algumas até que nunca vi. Elas estão decolando em aéreos, entubando, dando grandes cutbacks... Tudo que pede o manual de um 'modern surfer'.



NOVOS TEMPOS: A ERA DA DIVERSIDADE

A diversidade cultural, de povos e de cores que propõe o Hawaii se vê principalmente na miscelânea que virou o North Shore. E hoje, mais do que nunca, as meninas estão dominando as sessões de freesurf. Elas também estão começando a pegar as ondas historicamente dominadas por homens, como Pipeline, Backdoor e Waimea Bay. E outras já se aventuram em Jaws. Os velhos estereótipos estão sendo derrubados aos poucos, e parece que, pelo menos aqui, no Hawaii, podemos construir uma relação saudável e curtir essa diversidade dentro d'água. Em frente à minha casa do North Shore, vejo meninos e meninas, homens e mulheres, surfistas em geral e experimentalistas, stand-up surfers, bodyboarders e bodysurfers convivendo em harmonia. Penso que é essa a grande conquista do mundo do surf...

Viva a diversidade!
 Aloha, do North Shore
 Jim Russi 🌊

*Jim Russi é fotógrafo californiano radicado no North Shore de Oahu há mais de 40 anos.



PIPE HOUSE

A CASA MAIS ADORADA DOS SURFISTAS E
DOS NÃO SURFISTAS DO NORTH SHORE
PIPELINE - OAHU - HAWAII

A Pipe House é sinônimo de lendas do surf no Hawaii. Nessa casa de praia, muitos famosos, surfistas e não surfistas, viveram nos últimos anos. E talvez o mais célebre deles tenha sido o Mr. Pipeline por excelência: Gerry Lopez.

por Sean Davey*
fotos Sean Davey e Andrew Christie

ANDREW CHRISTIE

Bem vindo à Pipe House, a casa de praia mais desejada do Hawaii!
Na foto, a casa iluminada traz todo seu charme às areias de Pipeline.
Da sacada, seus habitantes apreciam a vista noturna
de uma das praias mais desejadas do North Shore

Na foto: Herbie Fletcher passeia pelo último andar da casa, praticamente todo feito de madeira. Ao lado: vista da sacada mais cobiçada do mundo, pranchas e quadros dividem o espaço na Pipe House. Abaixo: no detalhe decorativo da luminária havaiana, ondas na Pipe House



PIPELINE, OAHU, HAWAII

A casa é uma bela obra arquitetônica incrustada no coração da praia mais badalada do North Shore havaiano, nas ondas mais disputadas do mundo. Todo o visual da casa remete à própria praia e ao surf, além das evidentes referências havaianas. Essa é a Pipe House, a casa de praia mais famosa do Hawaii.

A Pipe House é sinônimo de histórias e lendas. Muitos famosos, surfistas e não surfistas, viveram aí ao longo dos anos. E talvez o mais célebre deles tenha sido o Mr. Pipeline por excelência: Gerry Lopez. Na verdade, antes de ser conhecida com Pipe House, a casa era conhecida como Gerry Lopez House. Depois, a Volcom adquiriu o imóvel e também fez e faz história. Desde então, todos a chamam simplesmente de Pipe House.

Seu último dono, Mike Strada, gastou uma quantia considerável de dinheiro na reforma da casa, o que de fato revitalizou seus aposentos. Grande parte de seu piso de madeira foi refeito e coberto com camadas protetoras de verniz, enquanto a parte térrea foi modificada, com a inclusão de uma série de portas deslizantes e totalmente removíveis, o que deixa a frente da casa completamente aberta e ventilada.

Arte e tecnologia se encontram na cozinha, que possui utensílios de primeira e tem suas paredes ornamentadas com clássicas imagens de Pipeline e seus famosos surfistas. Aliás, essas imagens ocupam não apenas as paredes da cozinha, mas também as demais paredes da casa. Fotos históricas distribuídas entre o 2º e o 3º andar moldam um cenário perfeito em Banzai Pipeline.

A casa, agora fica sob o domínio da Volcom e é chamada também de Volcom House, tem seu último andar reservado para o surfista top havaiano Bruce Irons.



A Pipe House, de móveis simples e peças decorativas, alguns que ainda relembram Mr. Lopez, fica à disposição de Bruce para quando o top surfer decide vir ao North Shore. Já o 2º andar é ocupado por vários surfistas da Volcom, como Dean Morrison e cia. Quando os surfistas profissionais não estão na casa, o espaço recebe os devidos cuidados de um caseiro, o 'dono da casa'. A Pipe House não tem residentes permanentes, é frequentada por surfistas itinerantes. Décadas atrás, esta casa presenciou muito da cultura e da história do surf. Os desafios, as wipe out, as emoções, o movimento Hawaii, os enfeites da praia. Se estas paredes pudessem falar, elas certamente contariam ótimas histórias. Provavelmente não existe casa mais famosa no mundo do surf do que a Pipe House. Entre fique à vontade!

***Sean Davey** é fotógrafo especializado em surf. Nascido na Tasmânia, é radicado no North Shore de Oahu há mais de 3 décadas.

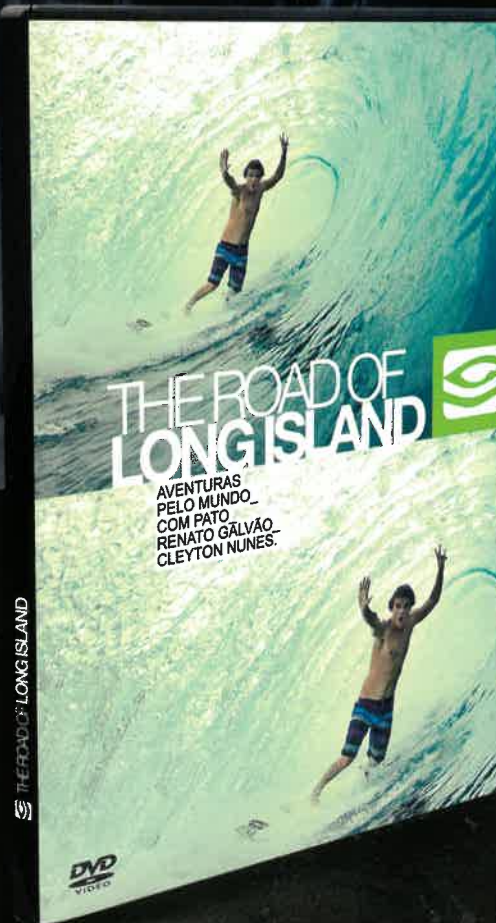


PROMOÇÃO
GANHE UM DVD DO FILME
THE ROAD OF LONG ISLAND
AO COMPRAR NOSSAS
JAQUETAS*

CLEYTON
NUNES
ON THE
ROAD
HAWAII

11 3653 1488

**LONG
ISLAND**
EXTREME
PRODUCTS
TO EXTREME
SURFERS



VISITE O HOTSITE
DA PROMOÇÃO
LONGISLAND.COM.BR/JAQUETAS

SIGA ESTA AVENTURA
LONGISLAND.COM.BR

SURF ALL DAY, MUSIC ALL NIGHT

O dia 27 de janeiro de 2011 marcou o início da turnê de comemoração dos 10 Anos da Revista ALMA SURF, com um 'pé na estrada' de shows e sessões de surf com os ídolos Tom Curran, Donavon Frankenreiter e Ben Harper. Alma Surf: expressar o surf e a praia como a melhor maneira de viver.

por Felipe Baracchini*
edição Adriano Vasconcellos
fotos Caio Palazzo

Três personagens completamente diferentes que se conectam por meio do surf, da música e da alma. **Tom Curran** é considerado um dos maiores surfistas de todos os tempos. Famoso pelo estilo soul de surf competitivo, o Rei do Estilo conquistou três vezes o campeonato mundial – nos anos de 1988, 89 e 90. **Donavon Frankenreiter** reflete o estilo fashion old school, dentro e fora d'água. Um cara que tem medo de elevador, mas que não se intimida com ondas grandes e multidões, e idolatra a lenda Jimi Hendrix. **Ben Harper** se dedica à música desde criança, abraçando a primeira guitarra aos 6 anos de idade, nas origens do blues norte-americano. Nas horas vagas 'surfa' nos skate-parks aos arredores de Los Angeles, além de adorar o Super Bowl. No total foram seis shows impecáveis nos estados de São Paulo, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Minas Gerais, celebrando a vida na praia em diferentes culturas com milhares de pessoas, até mesmo longe do mar. A Turnê 10 Anos de ALMA SURF expressou a essência dessa experiência, a da vida na praia, com Surf All Day & Music All Night.



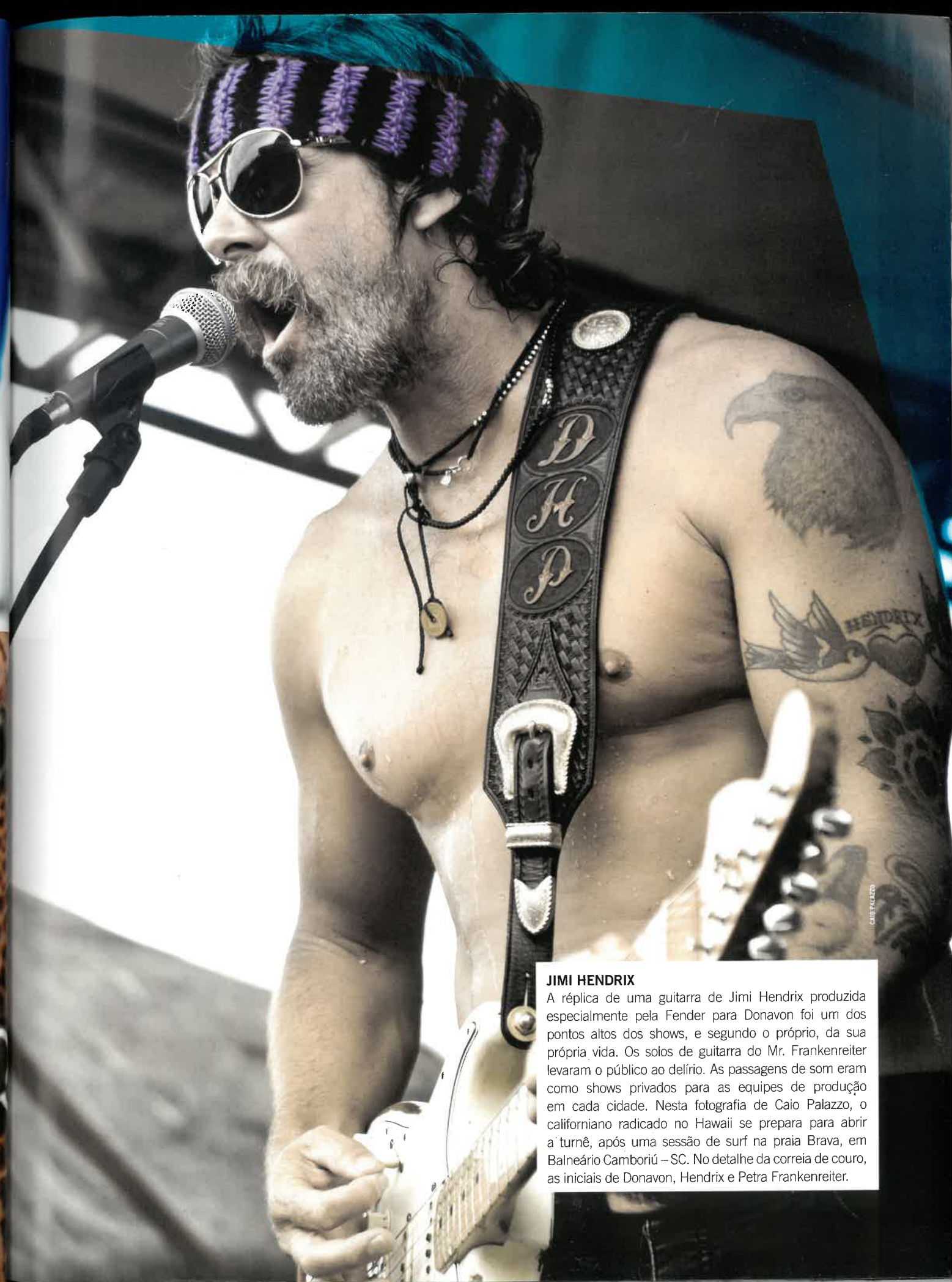
ALMA SURFER

Donavon não quis desperdiçar nenhuma oportunidade de pegar onda no Brasil. Surfava com qualquer tipo de prancha e em qualquer tipo de onda, só queria se divertir. O pier de Atlântida, no Rio Grande do Sul, palco de um dos maiores shows já realizados pelo músico, harmonizou a linha e o estilo de Frankenreiter.



EXPRESSIONES ARTÍSTICAS

As tatuagens de Donavon contam um pouco de sua história. No detalhe do braço, homenagem para a família, muito presente na vida do músico-surfista, formada por sua esposa Petra e seus dois filhos, Hendrix e Ozzy.



JIMI HENDRIX

A réplica de uma guitarra de Jimi Hendrix produzida especialmente pela Fender para Donavon foi um dos pontos altos dos shows, e segundo o próprio, da sua própria vida. Os solos de guitarra do Mr. Frankenreiter levaram o público ao delírio. As passagens de som eram como shows privados para as equipes de produção em cada cidade. Nesta fotografia de Caio Palazzo, o californiano radicado no Hawaii se prepara para abrir a turnê, após uma sessão de surf na praia Brava, em Balneário Camboriú – SC. No detalhe da correia de couro, as iniciais de Donavon, Hendrix e Petra Frankenreiter.



MÚSICO ERUDITO

Tom Curren é um cara discreto e muito inteligente. Não só por que conseguiu ganhar a vida surfando, mas por ser um admirador de literatura, cinema e, obviamente, música. E também por experimentar diferentes culturas. Durante a turnê, descobri que Curren não estava lendo apenas um simples livro nos voos. Tom fazia a leitura de Charles Dickens, o mais popular escritor da era vitoriana inglesa. Assim como ele não lê 'apenas' livros, lê também roteiros de filmes. "Ler roteiros de filmes é muito legal, pois você entra num padrão de imaginação e fantasia interessante, tomando conhecimento dos bastidores dos sets de gravação. É bom pra memória e para a construção de enredos. É como pegar uma boa onda."

PERSONAGEM SURF

Humildade e simplicidade fazem parte do espetáculo solo do tricampeão mundial de surf. Quando quer conversar com o público, conversa, quando quer beber água, bebe. Quando quer calmamente testar sua guitarra, testa. No palco ou na praia, Tom Curren é como no surf, quando entra em cena, é pra brilhar, pra se destacar. Em São Paulo, a comemoração dos 10 anos da revista ALMA SURF entrou para a história da noite paulistana, e Curren foi um dos personagens principais.

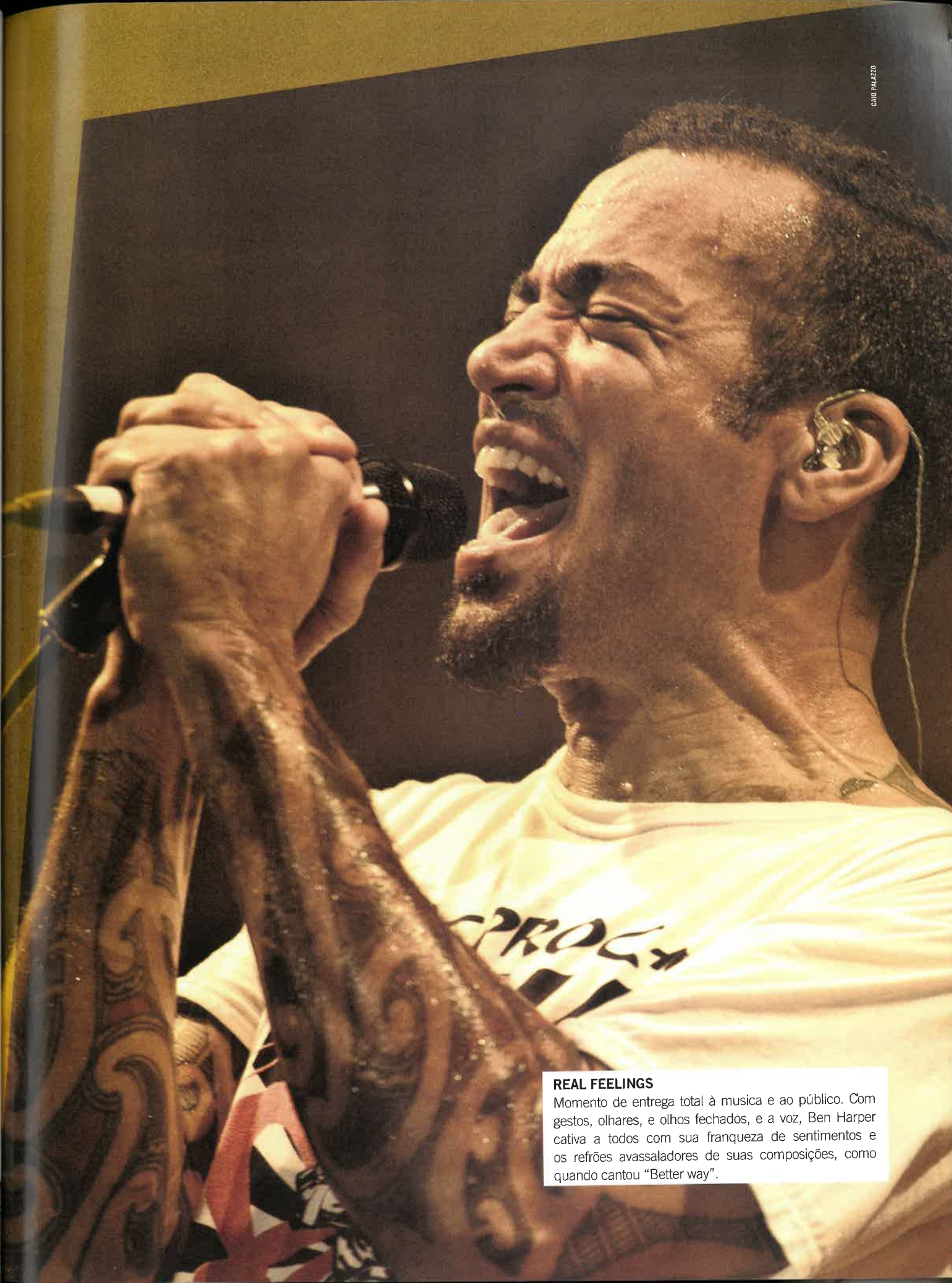


CIDADÃO DO MUNDO

O Canadá era um dos muitos carimbos do seu passaporte desbotado. Tom passou muitos anos correndo o circuito mundial de surf, finalizando três deles em 1º lugar. A aposentadoria profissional não significou um basta para os aviões e pontes aéreas. Isto é, sua rotina de viagens, que hoje se traduz em viajar de outro jeito. Agora 'o mestre' divide seu tempo entre compromissos com seus patrocinadores, música, free surf, amigos, a família e filhos.

“AVAI” FUTEBOL CLUBE

Ben Harper é um ser evoluído. É nítida a percepção de que ele está em outro estágio em relação à maioria das pessoas. Após o término do segundo e último show na praia do Campeche, em Florianópolis, vestindo a camisa do Avaí, tradicional clube catarinense, time de Gustavo Kuerten – que gentilmente recebeu a todos em sua casa após o show, para assistir à final do Super Bowl, vencida pelo time de Harper, Green Bay Packers –, Ben Harper esbanjava sua gratidão em poder retribuir com sua música a energia captada por mais de 20 mil pessoas que lotaram a arena da Praia Skol Music.



CAIO PALAZZO

REAL FEELINGS

Momento de entrega total à música e ao público. Com gestos, olhares, e olhos fechados, e a voz, Ben Harper cativa a todos com sua franqueza de sentimentos e os refrões avassaladores de suas composições, como quando cantou “Better way”.



Matthew Grundy e a música



Donavon Frankenreiter



Pete Winders em Santa Catarina



Alma Surf, Donavon's band, Curren, Vonzipper e MTV feat



Surf All Day: Donavon e Romeu na praia Brava de Itajaí, SC



Craig, Matt, Bonne, Donavon, Eric e Pete. Donavon's band



Jam Session no Pórtico Mar em Santos, SP



Music All Night: Ben Harper e Vanessa da Matta



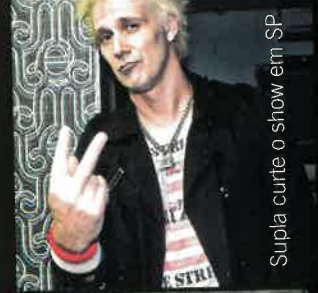
O time Almasurf e Ambev



Romeu, Kelko Beatie e Maria Andreatta



CAD PALAZZO



Supla curte o show em SP



Fãs do show em Atlântida, RS



Sintonia: Jins antes do show



Eric Brigrmond

Teo Padaratz, Dorian e Tom Curren



O estilo inconfundível de Donavon



Momento de descontração após sessão de surf: 'Amour Dumbo', o 'Sertão' e Donavon



VIDA NA PRAIA
Entre as apresentações, Donavon tenta encontrar mais um chapéu perfeito para sua cabeça criativa; para depois o arremessar ao público, em êxtase junto ao palco. Esse é o habitat do surf em sua forma mais pura: a praia, o surf e a praia para todos. Seja numa das maiores metrópoles do mundo ou na beira da praia, no Campeche... Ou bem longe dela. Esse foi o clima da turnê que celebrou 10 anos de ALMA SURF. Surf All Day, Music All Night!

Viva a vida na praia!

CAIO PALAZIO

*Felipe Baracchini, é gerente de eventos da plataforma Alma Surf.



Bintang

www.bintang.com.br

Hot Fall.

ENDLESS SUMMER...

SKOL CELEBRA A “VIDA NA PRAIA”

COM BEN HARPER, DONAVON FRANKENREITER E TOM CURREN

Experiências de verão promovidas pela Skol e realizadas pela ALMA SURF em todas as praias do Brasil fazem uma nova história se tornar realidade no litoral brasileiro. Ações como a Praia Skol Music, Skol Sunset, Garagem Skol e Surf e Praia Para Todos entram para a história e expressam a melhor maneira de viver.

por Redação Alma Surf
fotos Caio Palazzo, Juliano Monetti e Grupo Austral



CAIO PALAZZO

Donavon Frankenreiter, no segundo dia de show da Praia Skol Music

PRAIA SKOL MUSIC

"SURF ALL DAY & MUSIC ALL NIGHT"
ETERNIZA A PRAIA DO CAMPECHE



CAIO PALAZZO

Guitar player: Donavon



Maria e Romeu Andreatta



DF e Clarissa Pantolija. Um por todos e todos pelo Praia Skol



A Gibson Les Paul é uma das dezenas de guitarras do músico Ben Harper



"Chupa que é o jejuva"

A Praia Skol Music foi a experiência inicial da Skol neste verão de 2010/2011. Isso porque logo nos primeiros dias de janeiro o evento já envolveu os aficionados das praias mais badaladas do litoral brasileiro para que um grande show musical acontecesse no local vencedor. E aconteceu. Depois de um concurso via internet/redes sociais, a praia do Campeche foi a grande vencedora e presenteou Florianópolis com shows que entraram para a história da cidade. Com transmissão ao vivo pelo site da Skol, Ben Harper mostrou total sintonia com a Ilha da Magia. A escolha do Riozinho para os shows da Praia Skol Music caiu como chuva refrescante sobre a praia. Aliás, Ben Harper fez realmente chover no Campeche. Os shows, antológicos, também tiveram performances inesquecíveis dos músicos-surfistas Donavon Frankenreiter e Tom Curren, este um legítimo tricampeão mundial de surf. E contaram também com as participações do surfista Armandinho e de charmosa Vanessa da Matta, que desejou 'boa sorte' a todos os que curtiram a Praia Skol Music. A iniciativa da Skol, em todas as ações de verão, buscou promover o estilo de vida praiano e dessa forma transformar a temporada na mais redonda do ano. No início do concurso, as praias de Geribá, em Búzios, no Rio de Janeiro, e Maresias, em São Paulo, também entraram na concorrência. Mas nenhuma delas chegou a estremecer a liderança do Campeche. Com muita praia e surf antes dos shows, Donavon e Curren deleitaram os fãs na praia com mergulhos n'água e algumas ondas surfadas, todas estimuladas por Romeu Andreatta, publisher da revista ALMA SURF. Tom Curren impressionou pela simplicidade e profundidade de suas músicas, tocadas em solos. Donavon chegou o mais próximo possível dos fãs, abraçou, tocou, cantou e surfou na praia do Campeche, e caiu nas graças do público, que o seguiu por toda Florianópolis. Ben Harper retribuiu a descontração e despojamento do público, que delirou por ver e ouvir o ídolo. A plateia cantou junto os maiores sucessos, e fez com isso que muitas vezes o músico se emocionasse. Harper promoveu apresentações de peso, com muitas guitarras e a garganta afinada. Recebeu ainda no palco o amigo Donavon para cantarem juntos o hit "Diamonds on the Inside", e depois relaxou a todos com uma sequência acústica. A luz ganhou ainda mais a Praia Skol Music quando Vanessa da Matta veio ao palco e, junto do amigo, interpretou ao vivo e em cores o sucesso "Good Luck", cantado em alto e bom som pelos cantores-surfistas, que somaram mais de 16 mil pessoas, em dois dias de novas experiências. No final, Harper, emocionado, retribuiu todo o carinho dos fãs: "Essa é a mais fantástica plateia para a qual já me apresentei. E a que tem o melhor ritmo para bater palmas. Sempre bate no ritmo perfeito!".

Praia Skol Music, no Riozinho



Keiko Beate, Aolha



O 'mestre' Tom Curren e seu Ukelele



Eric Brightmond



Ben Harper



Romeu Andreatta e Donavon Frankenreiter. Surf all day, music all night



Banda Donavon Frankenreiter



Pete Winders

Praia do Campeche



Armandinho



SKOL SUNSET E GARAGEM SKOL

A MELHOR EXPERIÊNCIA PARA CURTIR A VIDA NA PRAIA!

As ações Skol Sunset e Garagem Skol, projetos idealizados em conjunto com a ALMA SURF, aqueceram ainda mais as praias do Brasil com todo o aparato e a atmosfera para curtir o verão e a praia.

Pranchas de surf para todos os gostos. Stand-up paddles, bodyboards e pranchas de skinboard. Parafinas, raspadores e cordinhas de segurança, os conhecidos leashes, lycras para a prática do surf... Cadeiras de praia, guarda-sóis, esteiras, kits de frescobol e de vôlei de praia, bonés e viseiras, abanadores, revistas ALMA SURF para leitura na praia... Aulas de surf e sessões de ioga. Som ambiente com DJs e música ao vivo na praia. Tudo de graça neste verão de 2010/2011. Os estados de Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco receberam as ações do Skol Sunset e da Garagem Skol, que aconteceram de norte a sul do país, repetindo o sucesso lançado durante a etapa mundial de surf que aconteceu em Imbituba, em 2010 – e que agora chegou às principais praias do Brasil. A Garagem Skol, como o próprio nome diz, são ambientes customizados que idealizam legítimas casas de praia, com toda a decoração, ambientação e equipamentos necessários ao deleite dos turistas, visitantes e banhistas, que buscam a qualidade da vida na praia. Tanto nas Garagens como nas Casas de Praia, a curadoria foi desenhada pela equipe ALMA SURF, que customizou os espaços com nobres artes plásticas e fotografias do acervo do FestivAlma, evento cultural realizado na Bienal do Ibirapuera pela ALMA SURF. Em alguns locais a ação ganhou o nome de Vila Skol, como em Maresias, por exemplo, que mesclou cultura, esporte, diversão, música e áreas de relaxamento e massagem. Aliás, o projeto não ficou estático, pois vários arrastões ecológicos recolheram o lixo das praias e conscientizaram o público. Praia Skol, espaços especiais montados para garantir o máximo de diversão à beira-mar!



A Praia Skol aconteceu de Norte a Sul do Brasil: Itajaí (SC), Imbé (RS), Barra (RJ), Vitória (ES) e Maresias (SP)



84 SKOL SUNSET - GARAGEM



SURF E PRAIA PARA TODOS

ALMA SURF CELEBRA A VIDA NA PRAIA!

O projeto, patrocinado pela Skol e apoiado pelo governo do estado de São Paulo, por meio da Secretaria de Esporte, Lazer e Juventude – com a Lei Paulista de Incentivo ao Esporte –, ‘ensinou’ mais de 100 mil pessoas a surfar nas principais praias e municípios do litoral paulista, por todo o verão de 2010/2011. E tudo de graça: cinema a céu aberto, acesso às artes e à cultura e, principalmente, aulas de surf.

por Adriano Vasconcellos e Equipe Alma Surf
fotos Juliano Monetti

Praia do Sonho, Itanhaém, São Paulo

Praia
SKOL
apresenta:

patrocínio:

HD
HAWAIIAN DREAMS

GOL

almasurf

apoio:

FPS
FEDERAÇÃO PAULISTA DE SURF

Lei Paulista de Incentivo ao Esporte



O projeto Surf e Praia Para Todos é um grande sucesso! Aulas de surf grátis na praia, com todos os equipamentos necessários para a prática do esporte oferecidos gratuitamente aos visitantes, sob a orientação de professores e monitores profissionais, foram a grande tônica do evento promovido pela ALMA SURF, que também ofereceu nobre exposição artística e mostra de cinema a céu aberto, sempre ao cair do luar das noites entre quartas e domingos. O Surf e Praia Para Todos aconteceu em nove praias do litoral paulista, com início das atividades em 5 de janeiro, na praia do Sonho, em Itanhaém, litoral Sul de São Paulo, local da primeira parada dessa ação de verão ALMA SURF / Skol. Itinerante, o evento, que tem apresentação da Skol e copatrocínios da Hawaiian Dreams (HD) e Gol Linhas Aéreas, colocou na praia mais de 200 pranchas à disposição do público, num município diferente a cada semana. Depois de passar com muita alegria por Itanhaém, o evento aconteceu em São Vicente ainda na primeira quinzena de janeiro, entre os dias 12 e 16, para comemorar junto com a cidade o Dia do Surfista. Na sequência, desembarcou em Praia Grande, entre os dias 19 e 23/1. E alcançou o Canal 1 do Quebra-Mar de Santos entre os dias 26 e 30 desse mesmo mês de janeiro. Em fevereiro, o Surf e Praia Para Todos aconteceu em São Sebastião, na praia de Guaecá, entre os dias 2 e 6. E subiu a Rodovia Rio-Santos até chegar à praia de Indaiá, em Caraguatatuba, entre os dias 8 e 13/2. Continuou no litoral norte e movimentou a tradicional Praia Grande de Ubatuba, entre 16 e 20/2. Voltou à ação em Bertioga entre os dias 23 e 27/2, para celebrar a Vida na Praia no Guarujá, na amistosa e receptiva praia da Enseada, já no início de março, no encerramento das atividades da ALMA SURF com aulas de surf grátis na praia, neste verão 2011.



INCLUSÃO ESPORTIVA E SOCIAL

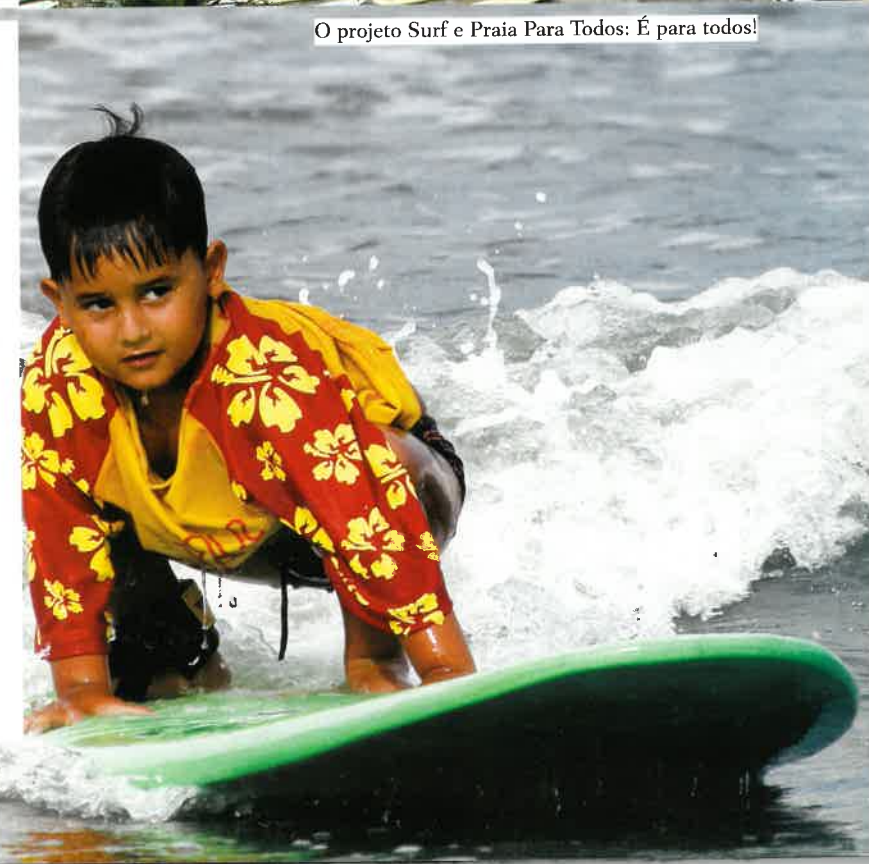
Sucesso absoluto de crítica e público, mais de 100 mil pessoas 'aprenderam' a surfar com o Surf e Praia Para Todos, que teve apoio do governo de estado de São Paulo, por meio da Secretaria de Esporte, Lazer e Juventude – com a Lei Paulista de Incentivo ao Esporte –, além do apoio integral das prefeituras e secretarias locais e suporte total das associações de surf. Entre as associações participantes, estão: Associação de Surf de Itanhaém (ASI); Associação São Vicente de Surf (ASVS); Associação de Surf de Praia Grande (ASPG); Associação Santos de Surf (SantosSurf); Associação de Surf de São Sebastião (ASSS); Associação de Surf e Poliesportiva do Guaecá (GUASC); Associação de Surf de Caraguatatuba (ASCSurf); Associação Ubatuba de Surf (AUS); Associação de Surf Poliesportiva de Bertioga (ASSUB); Associação das Escolas de Surf do Guarujá (AESG); todas sob a supervisão da Federação Paulista de Surf (FPSurf). As principais atrações da ação promovida pela ALMA SURF em parceria com a Skol estão no próprio apoio do estado de São Paulo ao evento, que, por sua vez, devolve à população e às praças escolhidas os investimentos recebidos pela Lei Paulista de Incentivo ao Esporte. De forma holística e orgânica, o Surf e Praia Para Todos promove a inclusão social e esportiva – além de cultural, por meio das artes e do cinema – de milhares de pessoas, que buscam na praia uma melhor qualidade de vida. O evento promove ainda a formação estrutural do segmento, e oferece o devido prestígio às prefeituras, federações, associações, praias e entidades locais, prioritariamente contratando mão de obra e serviços gerais e especializados nos próprios municípios escolhidos para a produção das aulas e ações dos eventos. Em números preliminares do clipping de imprensa (Trópico Comunicação), mais de 5 milhões de pessoas foram atingidas por mídias espontâneas oferecidas ao Surf e Praia Para Todos, já que a ação foi reconhecida nas principais páginas, seções, guias culturais e de férias de verão, e consequentemente os veículos de comunicação regionais e do estado de São Paulo, e outros.

MOVIMENTO SÓCIO-CULTURAL

Por todas as praias em que esteve a equipe da ALMA SURF, o Surf e Praia Para Todos doou pranchas, equipamentos e acessórios às associações locais, promovendo a inclusão no esporte de novos praticantes de surf. No total, o Surf e Praia Para Todos gerou mais de 275 empregos diretos e mais de 2 mil indiretos, oferecendo entretenimento ao estado, municípios, vilas e praias escolhidas. O evento promoveu ainda um intenso movimento de turistas no litoral paulista, valendo-se da ampla cobertura da mídia, que estimulou os veranistas a aproveitarem as férias de verão para curtir a praia. Isso mexeu positivamente no volume de giro de capital do comércio local, que se beneficiou das atrações chamativas da proposta da ALMA SURF, que estimula a prática esportiva e a vida saudável na praia. Nos prévios levantamentos das fichas cadastrais do Surf e Praia Para Todos, cerca de 1.200 turistas estrangeiros já participaram das aulas de surf de graça. Contudo, as estatísticas vão além: 65% do público que frequentou as aulas de surf foram do estado de São Paulo (de fora do município local); 15% vêm do próprio município; 18,8%, de várias partes do Brasil; e 1,2% desses participantes é de origem estrangeira. A faixa etária também alcançou todas as camadas de faixa etária: de 5 a 10 anos, 12%; de 10 a 15 anos, 21%; de 15 a 25 anos, 38%; de 25 a 35 anos, 19%; de 35 a 45 anos, 6%; de 45 a 55 anos, 3%, e acima de 55 anos, mais de 1%.



O projeto Surf e Praia Para Todos: É para todos!





CINEMA OPEN AIR E MOSTRA DE ARTES

O projeto, com coordenação total e curadoria artística da ALMA SURF, busca expressar e levar a essência do melhor estilo de vida na praia aos moradores e turistas das praças que receberam o Surf e Praia Para Todos. Estes apostaram no sucesso das aulas ministradas diariamente em quatro turnos, 9h, 11h, 15h e 17h, para pessoas de todas as idades. Todos tiveram interesse em sentir o que é estar de pé sobre uma prancha de surf, e conquistaram o prazer de deslizar sobre as ondas. As sessões de cinema a céu aberto foram outra grande atração do evento, que exibiu importantes títulos da atmosfera de surf e de praia, com lançamentos e clássicos dos surf movies. No line-up de filmes, *The Drifter*, de Taylor Steele, que desvenda a introspecção da vida do surfista Rob Machado; *180° South*, de Chris Malloy, que recria a viagem da Califórnia até a Patagônia; *The Present*, de Thomas Campbell, que traz à tela o cotidiano artístico da vida na Califórnia e do autor; *Under the Sun*, de Cyrus Sutton, que contrasta lados opostos de um mesmo ponto da Austrália, a Gold Coast, a qual comporta o universo competitivo de Coolangata e o espírito libertário de Byron Bay; e *Alive in Tahiti*, de Thay Neave, que exibe as ideias, o surf e as expressões do músico-surfista Donavon Frankenreiter. A Mostra Artística exibida na praia comporta um precioso acervo de reconhecidos nomes de criadores que expressam a vida na praia por meio das artes. Personalidades como Fernando Mesquita, Jay Alders, Celine Chat, Ciro Bicudo, John Van Hamersveld, Mau Domingues, Paulo Govêa, Vicente Pavone e Edu Marron construíram com obras a exposição de artes plásticas e gráficas. Celebridades da fotografia, como Clark Little, David Pu'u, Heverton Ribeiro, Kalani Brito, Andy Chiz, Luiz Blanco, Nick LaVecchia, Patrick Trefz, Sylvain Cazenave e Eduardo Braz coloriram ainda mais o ambiente praiano com imagens surreais da praia e do surf. Com mais essa ação, a ALMA SURF confirma a vocação de disseminar o surf e o estilo de vida praiano na sociedade, em busca de converter simpatizantes em praticantes de esportes com prancha, difundindo a cultura de praia e do surf por meio de sua plataforma, que comporta a revista, o portal www.almasurf.com e os eventos do FestivAlma.

www.surfepraiaparatodos.com.br





IN THE
**FULL COURT
BOARDSHORT**

NIKE6.com

PHOTOS: SKOTT/GETTY

NIKE 6.0 TEAM
SCOOBY, KOLOHE, MICHEL, KAI, DUSTY, JULIAN,
GABRIEL, NAT, EVAN, WESLEY, COCO, CARISSA

APRIL

6.0
**ALEJO
MUNIZ**





Crazy Beautiful

JILL HANSEN

Extrovertida, dona de um faro único para o estilo, Jill Anjuli Hansen flerta com o surf, a moda, as artes e o design. Agora, carregada de experimentalismo e referências brasileiras, está prestes a fazer da Candy, sua despreziosa marca de wetsuits, um sucesso internacional em tendência

Por **Rhea Cortado***
Fotos **Myles McGuinness**
Adaptação **Alexandra Iarussi**



Jill Hansen, sempre estilosa e alto astral, em mais um dia de surf nas ondinhas da Califórnia. Repare nos desenhos e cores da prancha (o rosa e o preto), que ela fez questão de produzir e deixar sua marca própria



BYLES MCGUINNIS

Jill, com o long john da Candy Wetsuit nas cores rosa-chiclete e vermelho-cereja, com os pés no bico de seu pranchão. É com o surf que a "Crazy Jill" se ocupa quando não está criando suas roupas de borracha coloridas e vibrantes



Onde alguns talvez vejam uma prancha ou um pedaço de tecido, Jill Anjuli Hansen enxerga uma tela branca. Ela nutre certa obsessão por deixar sua marca em qualquer coisa que passe por suas mãos. Nas suas pranchas, realiza desenhos coloridos, aplica estênceis em formato de coração, cola adesivos – assim como fazem as crianças na época do colégio. A maioria das roupas que usa é estilizada à sua maneira. Exemplo: uma jaqueta preta, decorada com broches e a frase "Life to Surf" bordada acima do peito. Vários Xs rosa-choque ornaram o tênis Vans que ela utiliza nas sessões de skate. Sua pele também não é exceção, já que boa parte é preenchida com tinta fresca. Abertas, asas de anjos decoram suas costas. No peitoral, "Legends Never Die" em letras cursivas e, logo abaixo, uma borboleta laranja. Foi esse impulso criativo de colorir tudo ao seu redor que a estimulou a dar vida a sua própria marca, ousada, a Candy Wetsuits. "Eu queria roupas de borracha mais elegantes. Não estava feliz com as roupas das outras marcas. Gosto de fazer as coisas do meu jeito", diz Jill, que estudou design de moda no Fashion Institute of Design and Merchandising, em Los Angeles. Neste ano, inclusive, ela lançou a loja virtual da Candy Wetsuits – um tanto ainda meio que fora do ar. Jill cresceu no Havaí e afeiçoou seu surf em todos os tipos de onda. Ela disse até já ter feito tow-in com o big-rider brasileiro Eraldo Gueiros em Jaws, mas confessa adorar as inacabáveis, e perfeitas, ondinhas de Waikiki no verão. Depois de se formar num programa de arte no Mid-Pacific Institute, escola particular de Honolulu, Jill se mudou para a Califórnia. Mas o espírito aloha ficou com ela, que sempre sorri alegremente, acena e manda um high-five aos que passam pela sua casa, localizada em Blackies, Newport Beach. No trajeto que ela percorre até a praia, com sua prancha debaixo do braço, pergunta para um cara que está dentro de um carro como foi o surf. Ele balança a cabeça, fala que a sessão não durou muito. Foi interrompida por uma quilha quebrada. "Você quer uma prancha emprestada?", insiste Jill com um sorriso. Sua garagem fica logo ali, ela aponta, e tem pranchas de sobra para dividir. Ele agradece... Jill conversa dessa maneira com estranhos na maioria dos lugares aonde vai. Alguns deles acabam virando até amigos. Mais tarde, enquanto esperávamos na fila do café para encher sua garrafa térmica da Hello Kitty, nos deparamos com outro amigo, que comentou sobre sua nova cor de cabelo, o loiro radiante dera lugar a um preto escuro, e depois vice-versa. Nos finais de semana de sol, ela pode ser encontrada na praia de San Onofre, enrolada num edredom macio, no porta-malas de sua van Dodge sem janelas. Ela o pintou da mesma cor dos sorvetes de morango e escreveu, na lateral do carro, "Candy Wetsuits", em vermelho, tom de cereja.

VANS & SWELLS

Jill observa as ondas enquanto toma uma cerveja e conversa com alguns surfistas veteranos, que também rodam pelas praias da Califórnia. No momento, todos os carros estão estacionados, absorvendo os raios de luz do sol, depois de uma sessão de surf. Jill conversa com seu vizinho de vaga, que ela se apresenta: um shaper de pranchas. Seu cabelo, peito e braços, são brancos da idade e descoloridos pelo sol. Falamos sobre o swell. Depois, nosso amigo decide nos mostrar suas pranchas favoritas – dispostas, lado a lado, no porta-malas de seu carro. Cuidadosamente, ele pega uma das sete pranchas – que se assemelha a uma asa de morcego – para explicar a hidrodinâmica do desenho. “Gosto de me relacionar com as pessoas no surf”, diz Jill. “Estou sempre rindo e me divertindo com as ondas.” E foi seguindo essa filosofia que Jill escolheu o nome Candy, que em sua modesta opinião lembra um ser doce e amigável. Anjuli Hansen revela que sempre quis ter a própria marca. Quando tinha 3 anos e ainda morava no Hawaii, ela trabalhou em campanhas comerciais como modelo. Envolvida com o surf – uma cultura em que os grommets idolatram os atletas patrocinados, que aparecem nas páginas de anúncio em lustrosas revistas de surf, vestindo seus patrocinadores no peito e colando seus adesivos na prancha –, com Jill não foi diferente. Jill incorpora sua imagem ao lifestyle da Candy. Ela menciona Gela Taylor e Pamela Skavist-Levy, as criadoras da Juicy Couture, que se tornaram modelos de empreendedorismo. As calças Juicy viraram sinônimo de roupa confortável da juventude e, no início, representaram o que significava ser uma garota livre, nova e rica morando na Califórnia. “Os designs da Juicy Couture me inspiraram muito. Elas são garotas como eu, de atitude e estilo. As coisas fluíram porque as pessoas certas se envolveram no negócio”, diz Jill. Sua ambição é tocar um negócio familiar, buscar as surfistas de alma. O fotógrafo Myles McGuinness, autor das imagens desta matéria, a descreve como portadora de um “entusiasmo juvenil”. Graciosa, essas características transbordaram para suas lentes quando eles realizaram a sessão de fotos. “Ela tem habilidade não apenas como modelo. É bonita, esperta, inteligente e criativa”, diz Myles. “Às vezes você encontra alguém que tem habilidades artísticas, mas não sabe surfar ou modelar, ou transformar essas coisas em arte. Naturalmente, Jill consegue se representar e se promover.”

Jill Hansen não gosta das cores apenas em objetos e tecidos, mas faz questão de colorir a pele do jeito que mais lhe agrada. Isso inclui frases espalhadas acima do peito e da barriga, uma borboleta laranja e desenhos coloridos nas pernas, pulsos e antebraços

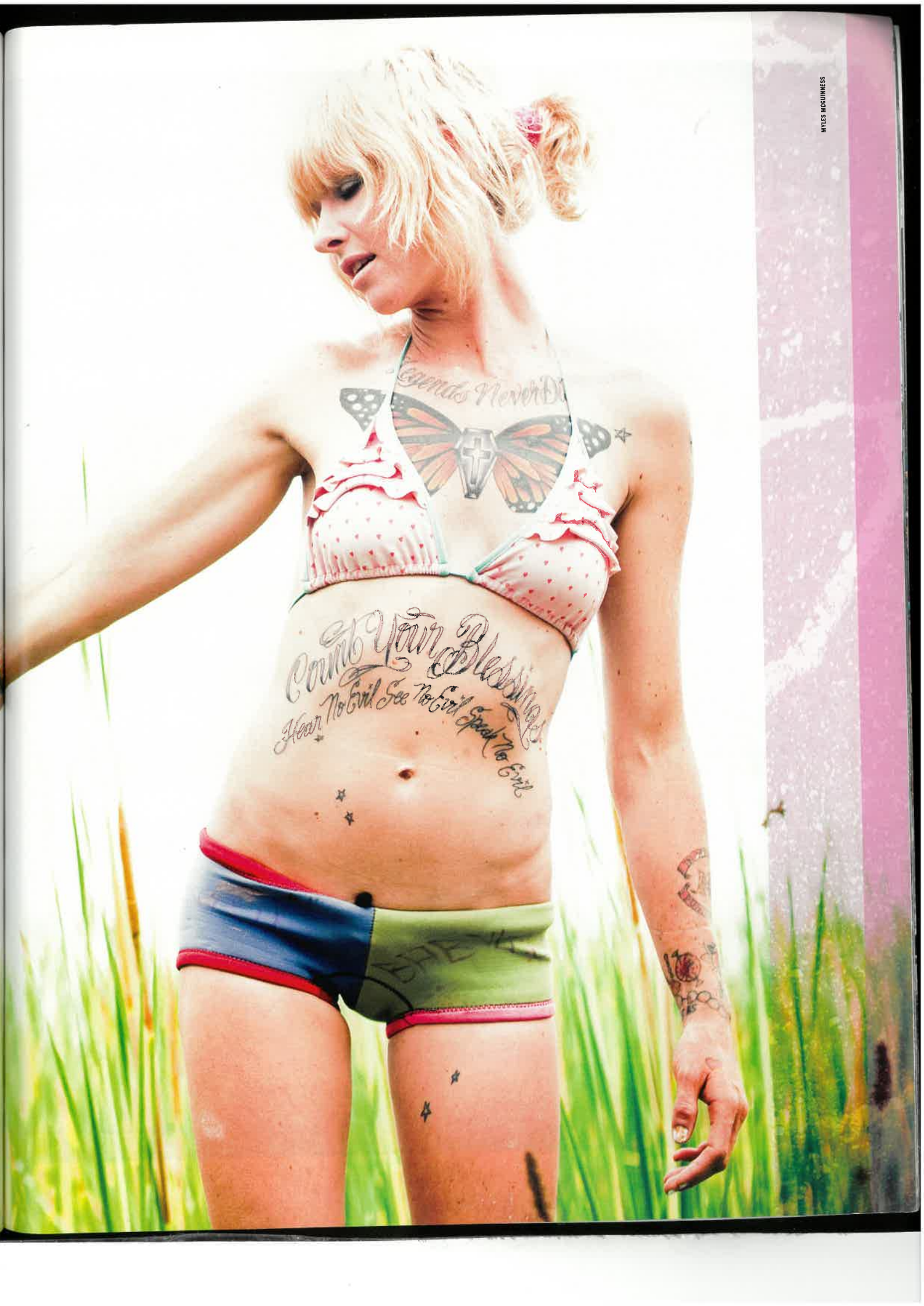
BRASIL & TENDÊNCIAS

Além das linhas de roupas de borracha, Jill vende outros produtos e equipamentos, o que inclui quilhas customizadas, suas criações artísticas e toalhas de praia. Ela tem o sonho de expandir fronteiras em suas atuações. No momento, está procurando parceria com um fabricante de açai... É, açai, sucos e cremes: “O sonho das meninas da Candy é conhecer o Brasil e comer a fruta no país. Elas adoram as referências brasileiras”. Aliás, quando não está na Califórnia, Hansen viaja para outros destinos de surf, como o Japão, que provem o material para as criações de neoprene. Cada roupa começou com um desenho feito à mão. Long johns sem manga, coletes para a primavera, shorts de neoprene e jaquetas com zíper. Os shorts podem ser pequenos e mal cobrir o bumbum. Tendência... “A ideia da Candy é construir um guarda-roupa fashion de roupas de borracha para o surf”, diz a estilista, que enxerga na decisão da escolha uma opção para uma vestimenta de festa. “Abro o guarda-roupa e me pergunto ‘o que vou vestir hoje?’. Torno o surf mais divertido... Gosto de me vestir bem e adoro cores.” Chegar ao line-up vestida de vermelho-cereja, rosa-choque e verde-limão certamente não é para as mais tímidas. “É quase que over the top.” Jill percebeu muito cedo, ainda na infância, que “não havia espaço para este tipo de autoanálise”. A fotógrafa Gina Sinotte, especializada em moda e lifestyle, foi vista com Jill pelas praias de Orange County e diz que Candy não tem medo de remar nas maiores ondas com vigor e determinação. Aliás, Hansen passa as temporadas de inverno no Hawaii, em buscas de boas ondas. “Ela faz o tipo rebelde”, diz Sinotte. “Pega as grandes, numas de desafio...” Muitas pessoas se referem a ela como “crazy Jill”, termo que ela adotou como apelido e passou a usar em seu blog, este funcionando bem: shredtilurdead.tumblr.com Vista em fotografias ou vídeos, é fácil perceber como sua natureza absolutamente desinibida pode ser interpretada como um pouco de loucura. Num vídeo promocional da Candy, ela anda com sua bicicleta rosa sem as mãos no guidão e com uma alga marinha por entre os olhos. Numa parte, corre por uma trilha de costas para a câmera, acenando com um lenço. Ela está nua, exceto pelo curtíssimo short que cobre sua bunda. Jill escreve: “As filmagens de topless não tem a intenção de ser provocativas, pelo contrário. São um símbolo de liberdade, inocência e beleza. Também, uma ênfase na feminilidade e sua importância”.

A Candy também abriga as marcas California Candy e Candy Surf Punks. As três, juntas, são reveladoras de seu estilo de vida: aproveitar ao máximo o lifestyle surf da Costa Oeste da Califórnia, com atitude punk de criatividade, auto expressão e individualidade fora da multidão. “Punk é um estado de espírito. Eu não me conformo com o seu caminho. Estou fazendo as coisas do meu jeito. Esta é a ideia da Candy Surf Punks. Faça do seu jeito, faça seu próprio movimento, crie seu caminho.”

www.candysurf.com

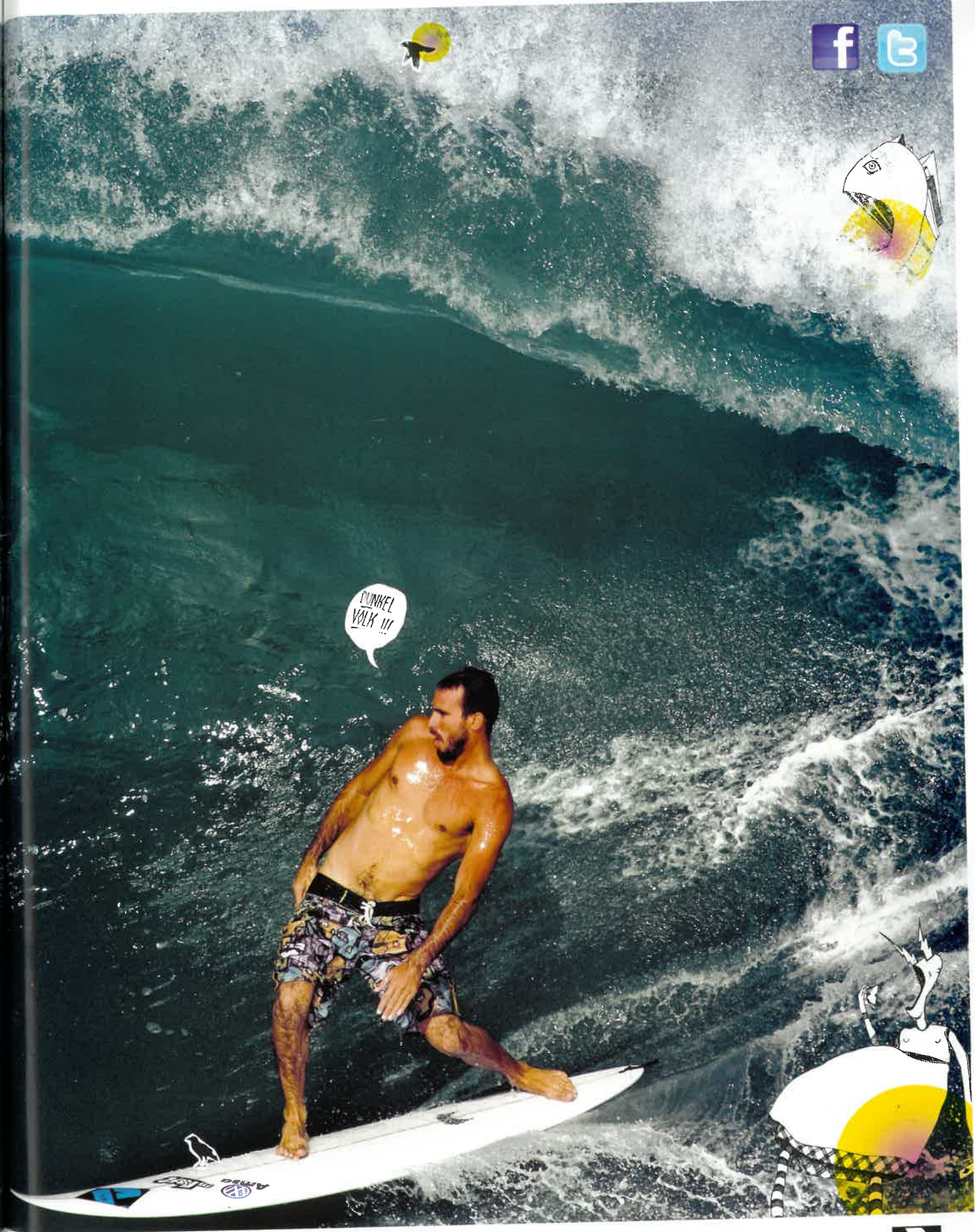
*Rhea Corrado, é amiga de Jill Hansen e jornalista especializada em moda surf





Being different is an Art ~

JAVIER
SWAYNE



DUNKEL
VOLK !!!

EXPEDIÇÃO

MATO GROSSO

STAND-UP PADDLE, KAYAK

Rodrigo Resende e Pedro Oliva nas corredeiras do Brasil

No limits! Rodrigo 'Monster' Resende dropa uma queda-d'água de 8 metros e cria um novo recorde mundial, o de dropar cachoeira de SUP. Ambiente atípico para o big-rider, que está acostumado com montanhas de água salgada. Aproveite, aventure-se em um novo esporte!

texto e fotos Rudnei Souza Ribeiro*



Nesta: Pedro Oliva no turbilhão d'água das corredeiras do Mato Grosso
Ao lado: Sapezal; Rodrigo Resende, Clayton Conservani e Pedro Oliva;
e Rudnei Souza;
Índios do Brasil brincam de Stand Up Paddle

Tudo começou quando eu estava em São Paulo, na Hidro2 Sports, ajeitando minhas coisas, pensando em um bom lugar para descer uns rios novos, ou talvez uns rios de primeira descida, como se diz, com meu kayak. Foi quando apareceu, sorrindo, o meu amigo Pedro Oliva... A proposta: expedição no Mato Grosso – nove dias de drops radicais em cachoeiras e imagens. Topei na hora! Juntamos a grana, uns contatos, e convocamos o parceiro Rodrigo Resende, que também topou sem hesitar. 'Monster' acelerou como de costume e partimos em viagem. A chegada ao aeroporto foi até engraçada. Três atletas sedentos de aventura e com um grande volume de bagagem: dois kayaks, pranchas de stand-up paddle, remos, capacetes, equipamentos de filmagem e fotografia... A conversa teve que ser boa para não pagar o excesso, para um voo de pouco mais de 2h20 de São Paulo a Cuiabá. Na capital do estado do Mato Grosso, encontramos a equipe do *Esporte Extremo* da Rede Globo, liderada pelo repórter Clayton Conservani, do *Esporte Espetacular*. Ele nos ofereceu um carro de suporte para a expedição, e aí a adrenalina começou a subir. Já no hotel preparamos a picape com os apetrechos gerais e muitas cordas... Mas na hora de sair o carro não funcionou. Nem empurrar o trambolho adiantou. Seria essa a maldição do 'salto perereca'? Não! Carro trocado e na estrada, partimos de Cuiabá para Tangará da Serra. Mais de 5 horas de rodovia cheia de buracos e treminhões, rumo ao nosso primeiro destino ao encontro de cachoeiras. Em Tangará fomos até a Fazenda Cachoeira Salto das Nuvens. Lá encontramos uma alucinante cachoeira e alugamos um avião de pequeno porte para um sobrevoo de segurança... A queda-d'água era perfeita. Depois de um dia de análises na base da cachoeira, resolvemos pernoitar no local para uma decisão convicta. E como não chegamos a um consenso, no outro dia mudamos os planos. Fomos para a cidade de Sapezal, mais outras 5 horas de carro, num ponto em que passamos até por pedágios indígenas 'legalizados'. Curioso é que os cobradores portavam armas em muito mal estado e alguns dos índios estavam bêbados, taxando em 20 reais os carros pequenos e 60 reais as picapes e os caminhões. Porém, apesar deste primeiro desapontamento com esse universo, o nosso contato com os índios foi maravilhoso.



SAPEZAL: PRIMEIRA DESCIDA

Em Sapezal nos hospedamos às margens do rio Papagaio, no Balneário do Pubi, onde passamos a noite. Acordamos bem cedinho e traçamos um plano para visitar a cachoeira do rio Sacre, onde o Pedro Oliva bateu o recorde mundial em 2009, com um salto perfeito de 40 metros de altura de kayak, o que o credenciou ao *Guinness Book*, o livro dos recordes. Em vez do salto, optamos por descer o rio Sacre pela primeira vez em um bote de rafting. Pedro Oliva pilotou como guia no bote e eu no kayak de segurança. Descida e experiência fantástica, lindo visual. Rodrigo Resende ajudava nas remadas e ganhava sintonia com o balanço do rio, enquanto a equipe de reportagem, boquiaberta, tomava injeções de adrenalina. Um rapel na cachoeira prolongou a aventura, com direito a arco-íris na primeira corredeira, uma das mais fortes do rio Sacre, classificada no nível IV – os níveis de segurança vão do I ao V. Voltamos ao bote, e uma bela corredeira nos levou por mais de 4 horas! Fomos os primeiros a explorar esse rio maravilhoso no estado do Mato Grosso. No final da expedição, um jantar preparado às margens do rio deu o tom de paz. O chef, conhecido como Nenê, mandou um arroz carreteiro espetacular, num prato que ele chama de arroz do Sacre. Continuando a trip, seguimos para a cachoeira Utiariti... na aldeia dos índios parecis, com uma queda de 60 metros. Índios amistosos que nos receberam bem e nos mostraram as melhores trilhas até o rio, de volume gigante de água. De Sapezal, pegamos a estrada em direção à cidade de Campo Novo dos Parecis, em busca de um território chamado Juba Zero: Simplesmente inexplicável. Um complexo de cachoeiras perfeitas para a prática do kayak.



Rodrigo Resende na Juba Zero, no Mato Grosso

“Curtir o Mato Grosso de SUP foi como surfar fora do mar. O astral, o visual, tudo totalmente diferente, gerou a sensação de desbravar uma onda virgem. A força da natureza é enorme e as correntes têm múltiplas direções. A adrenalina maior está em descer as corredeiras com a prancha sem quilhas e acertar a entrada na queda d’água, momento que o fundo da prancha chega a raspar nas pedras. O impacto e o caldo junto da prancha e do remo é um desafio. Passar por dentro de cachoeiras é como estar um tubo gigante. Ótimas lembranças de uma ‘surf trip’ nada convencional. Agora, quando eu for para o interior, vou levar a prancha, capacete, botinha, joelheira, o remo... O surf sempre está presente, seja aonde for”.
Rodrigo “Monster” Resende

RODRIGO RESENDE: SUP EM PROL DA NATUREZA

Incrível ver Rodrigo Resende. O monstro, com seu SUP, chegou de mansinho e... resolveu fazer um salto em uma das quedas da cachoeira. Com uma verificação rápida, Resende remou de stand-up paddle por uma queda de aproximadamente 8 metros, e realizou um salto fantástico com sua prancha. O ato de Resende pode ser um novo recorde mundial para uma nova modalidade: SUP em cachoeiras. É uma felicidade, para um surfista de alta performance em ondas gigantes, realizar saltos em cachoeiras como a Juba Zero, uma maravilha da natureza. Que essa ação sirva como alerta contra a construção de usinas hidroelétricas, que podem colocar tudo literalmente embaixo d’água. Ação que vai contra as maravilhas da natureza, fauna e flora. Essa expedição uniu duas modalidades de esportes, o stand-up e o kayak, extremos de alto rendimento em águas brancas. Uniu também um protesto mental em favor da natureza, para que ela se mantenha intacta, pura, linda. Último dia, relax total, descemos o rio Papagaio, com algumas cachoeiras pequenas e algumas ondas, um prato cheio para o Rodrigo, que teve mais esta experiência de surfar em água branca como numa onda do mar. Experiência única, novas quedas em cachoeiras, novos amigos, novos esportes, monstros, muita água, fotografias... Aventure-se em um novo esporte! 🚀

*Rudnei Souza, é fotógrafo e kayaker profissional.



TNT HUANA

É TNT

TNT DETONE

WWW.TNENERGYDRINK.COM.BR





Rico de Souza é mestre da arte de ensinar a surfar. Na foto, o professor ensina a apresentadora Angélica os primeiros movimentos sobre uma prancha de surf.

DNA
por Rico
de Souza

A primeira de muitas... O surf é realmente um esporte especial

Subir numa prancha pela primeira vez já é suficiente para que você tome gosto pelo esporte. É um momento inesquecível.

Comecei a surfar 1964, ainda com prancha de madeira. Naquela época era muito difícil aprender a surfar, não era como os dias de hoje. Pouquíssimas lojas vendiam pranchas de surf e a comunicação com o esporte era muito restrita, já que não havia revistas, fotógrafos, programas de TV... Não existia nem internet. Também não havia escolas de surf no Brasil, pelo contrário. Era tão bizarro ensinar as pessoas a surfar que eu recebia críticas de diversos surfistas, que diziam que surfar não deveria se aprender numa escola de surf. Eles acreditavam que as pessoas deveriam ter o feeling e atitude de aprender sozinhas. Mas conforme os anos se passaram, o surf passou também por uma evolução muito grande. Em 1972 e 73, quando conquistei os títulos brasileiros, viajei para disputar o circuito mundial na Califórnia e no Havaí, e daí comecei a perceber o quanto o esporte estava sendo difundido ao redor do mundo. Em meados dos anos 70 o surf começou a crescer incrivelmente na região Sudeste, se espalhou rapidamente pelo Sul e só foi alcançar todo o nordeste no início dos anos 80. Não demorou muito... Visualizei as inúmeras oportunidades que iriam surgir no futuro próspero para

o surf e resolvi montar a 1ª Escola de Surf do Brasil, que foi lançada em 1982, no clássico Arpoador. Minha intenção sempre foi retribuir ao surf tudo o que ele me proporciona. Iniciei este projeto com a ajuda de grandes surfistas como Picuruta Salazar, Almir Salazar, Ismael Miranda, Fernando Bittencourt, Pepe Cezar e Rodrigo Osborne. Atualmente, quase 30 anos depois, já existem mais de 300 escolas de surf em todo o litoral brasileiro. Dentro da minha visão todas deveriam estar conectadas, trocando experiências entre elas e ensinando surf não só para iniciantes, mas também para surfistas amadores, para que eles possam evoluir com aulas sobre táticas de competições, por exemplo. Acho que as escolas deveriam abordar temas como preservação ambiental e hábitos saudáveis como condutas de alimentação, além de terem espaço obrigatório para alunos carentes, com o intuito de envolver inclusão social para dentro do esporte. De qualquer maneira fico muito orgulhoso de ter plantado essa semente há alguns anos e hoje poder colher os frutos deste crescimento do surf no Brasil. Se continuarmos investindo nas Escolas de Surf, vamos ter o surgimento de novos ídolos nacionais, e até quem sabe futuros campeões mundiais. Da mesma forma que tento retribuir ao surf tudo o que ele faz por mim; muito admiro e

Se continuarmos investindo nas Escolas de Surf, vamos ter o surgimento de novos ídolos nacionais, e até quem sabe futuros campeões mundiais. Da mesma forma que tento retribuir ao surf tudo o que ele faz por mim; muito admiro e valorizo iniciativas como as da Alma Surf, que idealizou neste verão um projeto inédito e espetacular chamado "Surf e Praia Para Todos", que oferece oportunidade a milhares de crianças, jovens e adultos, a realizar seus sonhos de pegar a primeira onda da vida.

valorizo iniciativas como as da Alma Surf, que idealizou neste verão um projeto inédito e espetacular chamado "Surf e Praia Para Todos". O fato do projeto, que é patrocinado pela Skol, disponibilizar pranchas e instrutores qualificados sem custo nenhum ao banhista, leva a oportunidade a milhares de crianças, jovens e adultos, a realizar seus sonhos de pegar a primeira onda da vida. O "Surf e Praia Para Todos" difundiu o esporte por todas as praias do litoral paulista, passando a cultura de praia que o surfista vive no seu dia a dia, na relação de amor com o mar. O projeto inspirou a milhares de pessoas a se apaixonar pelo surf. Basta apenas uma onda para que o surf escolha você... E ela vai ser apenas a primeira de muitas. Vá para água, surf!
Aloha e boas ondas, Rico de Souza

Rico surf.com
Sua onda começa aqui

FAÇA A ESCOLHA CERTA.
DROPE NO RICOSURF.COM
MAIS DE 650.000 VISITANTES MENSIS. ANUNCIE AQUI.
RICOSURF@GLOBO.COM



#ricosurf

SURF ETERNO

com Taiu Bueno

A Vibe do Surf

Viajar é o destino do surfista

Todo mundo que surfa algum dia foi contagiado pela sensação de deslizar sobre uma onda. Esse é o princípio.

Acredito que todos nós, que temos o surf na alma, já nos perguntamos: "Quem foi o primeiro surfista?" Está aí uma boa pergunta... Em recente viagem que fiz pelo Peru, novamente observei o forte orgulho dos peruanos de Huanchaco em relação ao Caballito de Totora. São muitas as venerações. A polêmica discussão é da origem. Será que vem da Polinésia ou dos povos incas? Se fomos analisar que deslizar sobre uma onda em um caballito pode ser considerada uma forma de praticar o surf, a cultura inca, por existir há mais de 5 mil anos, talvez tenha sido realmente a primeira em que o surf existiu. Os polinésios provavelmente não nasceram nas ilhas havaianas nem nas taitianas. É provável que eles tenham migrado de algum continente. Os antigos reis polinésios surfavam e consideravam a prática nobre. Esses reis, puros esportistas, gostavam tanto das ondas do mar que proibiram a população de surfar. Somente a realeza podia sentir a vibração do surf, de tão especial que era.

Apesar da divagação, não me atrevo a nomear o primeiro surfista... Deixemos essa questão para os estudiosos e historiadores. Na verdade, pouco importa quem foi o primeiro surfista. Porque o que realmente vale é que o surf existe hoje e pode ser praticado por todos, em qualquer parte do mundo. Numa época em que a expansão tecnológica está absurda e em que o progresso está caótico, catastrófico e ambientalmente insustentável, o fato é que ainda existem praias vazias com águas límpidas. O mar 'ainda' está vivo! E assim permanecerá por muitos e muitos anos. Você já parou para pensar como nós somos sortudos de poder surfar? Você já encontrou pessoas mais divertidas do que os surfistas? Por que será que deslizar sobre as ondas ao longo da vida deixa as pessoas tão diferentes das pessoas normais? O que eu sei é que a galera do surf é muita vibração canalizada, muita emoção!

Taiu Bueno busca boas vibrações nas origens do surf no Peru. O Caballito de Totora faz parte da cultura de praia peruana.

Numa época em que a expansão tecnológica está absurda e em que o progresso está caótico, catastrófico e ambientalmente insustentável, o fato é que ainda existem praias vazias com águas límpidas. O mar 'ainda' está vivo! O meu testemunho é o de alguém fissurado que ficou 19 anos fora da água... E ao voltar a surfar posso dizer que essa tal vibração de emoção de deslizar seja como for em uma onda é sempre a mesma.

O meu testemunho é de alguém fissurado que ficou 19 anos fora da água... E ao voltar a surfar na minha 'jabiraca' posso dizer que essa tal vibração de emoção de deslizar seja como for em um onda é sempre a mesma. Somente um surfista conhece esse sentimento: o de surfar e entrar em sintonia com o oceano e, mais do que isso, com o planeta Terra. Enfim... Seja como um inca há tantos mil anos montado sobre um caballito de totora. Um corajoso rei polinésio de pé sobre um tronco de árvore. Você e sua pranchinha high-tech evolution. Stand-up paddle, longboard, bodyboard, kayak, kneeboard, bodysurf ou mesmo eu, na minha 'jabiraca', e os amigos. Nós somos privilegiados. O surf deixa as pessoas diferentes e alegres. E a energia é para sempre! Aloha (Iana) mahalo! Taiu Bueno

Sup. Kite. Clube



rajabra.com

Raja
BRA



Sinta isso...

**STAR POINT
FOR REAL SURFERS**

Lojas Star Point

SP: moema • sh.eldorado • sh.villa-lobos • sh.morumbi • sh.granja vianna • sh.bourbon • sh.mais largo 13 • sh.metropole
sh.dom pedro campinas • sh.iguatemi campinas • sh.colinas são josé • sh.mogi • guarujá • sh.litoral plaza praia grande
PR: sh.palladium • sh.crystal - SC: criciúma • sh.iguatemi florianópolis • balneário camboriú • garten.sh joinville
DF: sh.brasília - RJ: barra.sh • norte.sh • sh.leblon • sh.plaza niterói
www.starpoint.com.br • franquias 11 5053.4365





OSKLENSURFING